



Gazeta Valeparaibana

“Tudo que o homem não conhece não existe para ele. Por isso o mundo tem, para cada um, o tamanho que abrange o seu conhecimento”.

Carlos Bernardo G. Pecotche

“O espectro político esquerda-direita é criação nossa. Na verdade, reflete cuidadosamente nossa polarização artificial minuciosa da sociedade, dividida em questões menores que impedem que se perceba nosso poder”

A tecnocracia oculta do Poder

Lusofonias

Reinvenção de Comunidades e Combate Linguístico-Cultural

Lusofonia e Interculturalidade
Promessa e Travessia debate a questão lusófona, em três aspectos principais.

No atual contexto da globalização, que é uma realidade de cariz eminentemente econômico-financeiro, comandada pelas tec-

nologias da informação, esta obra interroga o sentido das narrativas (literárias e mediáticas, e também das narrativas de histórias de vida) sobre a construção de uma comunidade geocultural transnacional e transcontinental lusófona. Interroga, igualmente,

as políticas da língua e da comunicação como combate simbólico pela afirmação de uma comunidade plural, na diversidade de povos e culturas lusófonas.

Leia mais Página 9



Por uma felicidade vadia

Associado ao êxito individual, o ser feliz tornou-se obrigação tormentosa. Pode ser, porém, o desfrute de uma vida sem medos; os convívios que permitem encarar o incerto e a tristeza; e uma ética que, prezando o cuidado, desafia os moralismos

Desde 2013, a ONU reconhece o dia 20 de março como o Dia Internacional da Felicidade. Hoje em dia, a felicidade parece um significante vazio, explorado

em excesso, até a exaustão. Abraça tantos significados diferentes, que praticamente cabe tudo nela: desde o consumo de Viagra, até os livros de Paulo Coelho.

Apesar da banalização do termo, ao longo das últimas décadas o neoliberalismo impôs a crença de que a felicidade era fruto do esforço e do talento individual, prêmio que ganhamos por sermos produtivos e competitivos.

Leia mais Página 6

EDITORIAL

Como é o voluntariado no Brasil?

Vamos lá, entender um pouco como se dá o voluntariado de forma geral, principalmente nas pequenas organizações, que por falta de recursos, se dizem impossibilitadas de melhorar a gestão dos voluntários.

Aliado a esta impossibilidade, vem o despreparo geral para lidar com o voluntário, portanto o voluntariado tem muito a crescer nas organizações e de forma geral está solto e bagunçado na maioria delas.

Leia mais Página 2

CRÔNICA DO MÊS

Não troco meu oxente pelo ok de ninguém

Se alguém inventou o stand up comedy no Nordeste, esse cara foi Ariano Suassuna. Só ele para, de fato, conseguir entreter sozinho (sem fantasia, nem cenário) uma plateia por horas contando, não piadas, mas causos.

Leia mais Página 3



Qual a situação da agricultura familiar no Brasil?

A agricultura familiar no Brasil é a principal produtora dos alimentos que vão para mesa dos brasileiros. Diferente da monocultura, esse tipo de manejo do solo produz alimentos variados, com respeito ao solo e ao ecossistema, e é feito por brasileiras e brasileiros que tem a terra como sua principal fonte

Leia mais Página 11



A liberdade de imprensa constitui cerne de uma sociedade livre e democrática. Através da informação jornalística independente e sem censura, o povo pode avaliar corretamente os acontecimentos da vida pública.

Leia mais Página 10

TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

A vida depois da crise

A humanidade está passando por um momento excepcional. Algo que nunca havíamos imaginado, pelo menos não agora, não assim tão de repente, não de forma tão abrupta, nos deixando chocados, desorganizados e impotentes. O COVID-19 chegou e junto com ele veio o medo. Medo do que poderia acontecer, mortes, perda de empregos, falta de trabalho, um novo jeito de viver por um tempo indeterminado.

Leia mais Página 4



O que há de África no Brasil?

Leia mais Página 5

Rádio Internacional Lusófona (www.radiointernacionallusofona.net)

Uma rádio web a serviço da Lusofonia Crônicas - Notícias - Culturas - Literatura - Esportes - História - Tradições Populares

Informar para educar - Educar para formar - Formar para transformar

EDITORIAL

Como é o voluntariado no Brasil?

Vamos lá, entender um pouco como se dá o voluntariado de forma geral, principalmente nas pequenas organizações, que por falta de recursos, se dizem impossibilitadas de melhorar a gestão dos voluntários.

Aliado a esta impossibilidade, vem o despreparo geral para lidar com o voluntário, portanto o voluntariado tem muito a crescer nas organizações e de forma geral está solto e bagunçado na maioria delas.

Primeiro que o voluntário esta ou deveria estar em uma organização social também para ajudar na questão do MKT e da captação de recursos.

Segundo que não se trata exclusivamente de recursos para ter uma boa gestão de voluntários.

Terceiro que as organizações que têm voluntários estão muito mais ativas e cumprindo seu papel social do que outras que não tem.

Muitas organizações, têm sua gestão feita por um voluntário, não podemos subestimar a possibilidade de realização dos voluntários. Mesmo quando a gestão é profissional, pode ter a gestão do trabalho voluntário, feita por um voluntário. O importante é capacitar a pessoa para este papel.

E nós como mero leitores o que podemos fazer? Se faz um trabalho voluntario, incentivar outros a também fazer, se esta em uma organização social, incentivar esta para que tenha mais voluntários e tenha um gestão sobre eles, por ser fundamental para sua manutenção e aumento, se não tiver como ter um gestor, contratado, que tenha um voluntário ou terceirize esta atividade se juntando com outras organizações conhecidas e contratem uma empresa especializada no assunto.

Importante para as pessoas que querem ser voluntárias, pois se abrem mais vagas, para as organizações muito importante pois com voluntários podem até mesmo acolher mais assistidos, visto o aumento de mão de obra, melhor para o MKT e captação de recursos da organização, pois com voluntários mais motivados, vão falar mais da organização e quanto mais se fala de algo mais conhecido fica e mais pessoas vão querer conhecer e assim temos um ciclo virtuoso.

Olhem como podemos alimentar este círculo com mínimas ações, sem aumentar nossa carga de atividades, simplesmente utilizando-se de sua rede já constituída para difundir o conceito e a organização em que presta serviços. Vamos juntos construir um mundo melhor para todos, quantos mais voluntários no mundo, um mundo mais empático teremos, e é tudo que precisamos. Mais empatia por favor. #maisempatia #servoluntario

Roberto Ravagnani

07 - Dia do Silêncio

O principal objetivo desta data é conscientizar as pessoas dos males que a poluição sonora provoca, em diversos aspectos, para a queda da qualidade de vida das pessoas.

Além de consequências físicas, o excesso de ruídos também prejudica a concentração e eleva os níveis de stress.

Por este motivo, o Dia do Silêncio convida a toda a população a separar uns minutos durante o dia e desfrutar do total silêncio!

Fazer meditações ou simplesmente estar num ambiente longe dos constantes ruídos que você está acostumado a ouvir diariamente é uma das propostas do Dia do Silêncio.

Origem do Dia do Silêncio

Não existe um consenso sobre a origem do Dia do Silêncio, mas supõe-se que tenha surgido popularmente a partir da inspiração provocada pela praticas milenares da meditação.

O filósofo estadunidense William James, um dos fundadores da psicologia moderna, conseguiu definir a essência da importância do silêncio na seguinte frase: "o exercício do silêncio é tão importante quanto a prática da palavra".

Frases para o Dia do Silêncio

O silêncio de um olhar vale mais do que mil palavras. Feliz Dia do Silêncio.

Desligue a música. Desligue a TV. Fuja das buzinas. Fuja das discussões. Hoje devemos buscar aquilo que é tão difícil de conseguir no cotidiano moderno: minutos de total silêncio.

O silêncio é uma arma contra o stress e essencial para recuperar as "energias mentais". Aproveite o Dia do Silêncio e aproveite para falar consigo mesmo por uns minutos!

18 - Dia Internacional dos Museus

O objetivo desta data é incentivar a população ao hábito de visitar e apreciar os museus, seja de arte moderna, clássica, contemporânea e etc.

Os museus são espaços culturais onde são apresentadas exposições de obras artísticas sobre os mais variados temas e estilos.

O Dia Internacional dos Museus foi criado em 1977, através da iniciativa do ICOM – Conselho Internacional de Museus, um organismo que integra a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A cada ano a ICOM escolhe um tema específico para debater durante o Dia Internacional dos Museus.

Atividades para o Dia Internacional dos Museus

Além de palestras e workshops, nesta data muitos museus têm entrada gratuita para acesso as suas principais exposições.

Assim, no Dia Internacional dos Museus a atividade mais comum é fazer um tour pelos principais museus da região onde a pessoa mora.

ACESSIBILIDADE Direito de Todos



Colaboraram nesta edição

Colaboradores Habituais:

Mariene Hildebrando
Genha Auga
Loryel Rocha
Filipe de Sousa

Colaboradores Eventuais Nesta Edição:

Téta Barbosa
Bruno Ribeiro Oliveira
Antoni Aguiló
Daniela Diana Daniela Diana
Moisés de Lemos Martins
Gustavo Martinelli
Júlio Nasser
Guilherme de Souza Nucci
Vanessa Sardinha dos Santos
Luiza Padovam Vieira

Fontes:

Calendarr
VortexMag
Politize
Alberti & Emmons

IMPORTANTE

Todas as matérias, reportagens, fotos e demais conteúdos são de inteira responsabilidade dos colaboradores que assinam as matérias, podendo seus conteúdos não corresponderem à opinião deste Jornal.

A Gazeta Valeparaibana é um jornal mensal gratuito distribuído mensalmente em PDF para leitura e ou download

Diretor, Editor e Jornalista responsável
Filipe de Sousa - FENAI 1142/09-J

CRÔNICA DO MÊS

Não troco meu oxente pelo ok de ninguém

Se alguém inventou o stand up comedy no Nordeste, esse cara foi Ariano Suassuna. Só ele para, de fato, conseguir entreter sozinho (sem fantasia, nem cenário) uma plateia por horas contando, não piadas, mas causos.

Claro que se o poeta, romancista e dramaturgo for ler esse texto e aceitar o cargo de inventor da comédia sertaneja, não vai fazê-lo em inglês. Vai chegar logo dizendo: “é comédia em pé, minha filha”.

Porque é assim que Ariano trata o americanês que a gente adora enfiar no meio do nosso bem dizido português. “Não troco meu oxente pelo ok de ninguém”! - diz o paraibano mais pernambucano do mundo.

Mas, vamos ao assunto da comédia em pé, já devidamente traduzida pra o brasileiro armorial.

Fico imaginando como deve ser difícil, ficar ali, em pé, contando história pro povo rir. Isso sem falar no medo de levar um processo. O politicamente correto dificultou a vida desses profissionais do riso que, além de ter que enfrentar uma plateia ansiosa por diversão, também está ansiosa por uma batalha judicial.

Soube até que pelas bandas do sul (leia-se São Paulo*) tem um espetáculo de stand up comedy onde o público tem que assinar um termo de responsabilidade, atestando não se ofender com o conteúdo.

Desviei de novo do assunto; já estou em processo e guerra judicial, quando o tema era piada. Piada simples, em português e sem ofender ninguém. Vendo assim, parece que o show de stand up do cara vai ficar parecendo uma palestra sobre o aquecimento global e a crise na Europa, mas na prática é possível sim contar uma história engraçada, com conteúdo liberado para menores de 16 anos e sem precisar xingar a mãe de ninguém.

E é isso que Ariano Suassuna faz em suas aulas-espetáculo. É verdade que é um sit down comedy porque o contador de histórias prefere ficar sentado mesmo. Mas nada que interfira na graça dos causos (que só tem graça mesmo quando ele conta). E o mais engraçado é que não são piadas. São histórias do dia a dia mesmo.

Conversas com o taxista, com a costureira, com os amigos. Conversas que ficam engraçadas pela maneira que são contadas, pelas ênfases nas palavras, e não necessariamente pelo conteúdo extravagante ou final surpreendente.

Então, pelo nosso direito de rir sem precisar preencher um formulário de imunidade jurídica, sugiro aos comediantes da nova geração beber um pouco da fonte armorial.

*Sei que São Paulo fica no Sudeste. Mas é que pra gente do Nordeste, pra baixo da Bahia, tudo é sul.

Téta Barbosa

08 - Dia Nacional do Turismo

A data tem a finalidade de promover e homenagear a prática do turismo entre os brasileiros, conscientizando a população das diversas belezas naturais e culturais que formam o Brasil.

Este dia ainda lembra a importância de conhecer e respeitar as leis de cada nação e cultura antes de viajar como turista. De acordo com a OMT - Organização Mundial do Turismo, a viagem é caracterizada como turística quando um ou mais indivíduos viajam para fora de seu ambiente residencial entre um período de 24 horas a 120 dias, sem exercer qualquer tipo de atividade profissional.

O bondinho do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, é uma das principais atrações turísticas do Brasil

Os brasileiros ainda comemoram o Dia Mundial do Turismo, em 27 de setembro, que incentiva a prática do turismo internacional, com o intuito de fazer as pessoas conhecerem novos lugares, culturas e sociedades.

Mas, além dessa data, há também o Dia do Turismo Ecológico e o Dia Pan-Americano de Turismo, ambos celebrados no dia 1 de março.

Origem do Dia Nacional do Turismo

Oficialmente, o Dia Nacional do Turista passou a ser comemorado em 8 de maio através da Lei nº 12.625, de 9 de maio de 2012, sancionada pela presidente Dilma Rousseff. Até então havia muita confusão, pois várias pessoas acreditavam que esta data era celebrada em 2 de março.

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ALGUMAS DATAS COMEMORATIVAS NESTE MÊS

01 - Dia do Trabalhador

- 01 - Dia da Literatura Brasileira
- 03 - Dia Internacional da Liberdade de Imprensa
- 05 - Dia da Língua Portuguesa
- 06 - Dia da Coragem
- 07 - Dia do Silêncio
- 08 - Dia Nacional do Turismo
- 08 - Dia Internacional da Cruz Vermelha
- 09 - Dia das Mães
- 09 - Dia da Europa
- 10 - Dia do Campo
- 12 - Dia Internacional da Enfermagem e do Enfermeiro
- 13 - Dia da Abolição da Escravatura
- 13 - Dia da Fraternidade
- 15 - Dia Internacional da Família
- 16 - Dia do Gari
- 17 - Dia Mundial das Telecomunicações e da Sociedade da Informação
- 17 - Dia Internacional Contra a Homofobia
- 18 - Dia Internacional dos Museus
- 18 - Dia Nacional da Luta Antimanicomial
- 20 - Dia do Pedagogo
- 20 - Dia Nacional do Técnico e Auxiliar de Enfermagem
- 20 - Dia Nacional do Medicamento Genérico
- 21 - Dia da Língua Nacional
- 22 - Dia Internacional da Biodiversidade
- 22 - Dia do Abraço
- 23 - Dia de Pentecostes
- 23 - Dia da Tartaruga
- 23 - Dia da Juventude Constitucionalista
- 25 - Dia Nacional da Adoção
- 25 - Dia do Trabalhador Rural
- 25 - Dia Internacional das Crianças Desaparecidas
- 25 - Dia Nacional do Respeito ao Contribuinte
- 26 - Dia do Eclipse Lunar Total 2021
- 26 - Dia do Desafio
- 27 - Dia Nacional da Mata Atlântica
- 27 - Dia do Serviço de Saúde

Veja todas as datas comemorativas do mês na nossa **BIBLIOTECA!**
Disponível no site www.gazetavaleparaibana.com

18 - Dia Nacional da Luta Antimanicomial

18 de maio foi instituído como Dia Nacional da Luta Antimanicomial no Brasil em homenagem à luta dos profissionais de saúde por um tratamento mais humano aos usuários do sistema de saúde mental. Uma luta que ganhou força no contexto da abertura da ditadura militar, quando surgiram as primeiras manifestações no setor de saúde. No bojo destas, surge o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental, que logo assumiria um importante papel na crítica da política de assistência psiquiátrica da ditadura: suas reivindicações incluíam o fim do uso do eletrochoque e de outras práticas de “tratamento” – que se assemelhavam às torturas comuns nos porões da ditadura –, melhores condições de assistência à população e pela humanização dos serviços. Este movimento dá início a uma greve (durante oito meses no ano de 1978) que alcança importante repercussão na imprensa à época.



A vida depois da crise

A humanidade está passando por um momento excepcional. Algo que nunca havíamos imaginado, pelo menos não agora, não assim tão de repente, não de forma tão abrupta, nos deixando chocados, desorganizados e impotentes. O COVID-19 chegou e junto com ele veio o medo. Medo do que poderia acontecer, mortes, perda de empregos, falta de trabalho, um novo jeito de viver por um tempo indeterminado.

Os planos para 2020 abruptamente interrompidos. O que fazer agora? Como prosseguir. Uma nova maneira de viver se apresentou ao mundo. Pessoas se cuidando e cuidando dos outros. Pensar no outro se tornou fundamental para sobrevivermos a essa pandemia. Medidas que não agradam a todos e que estão se mostrando necessárias, mas pelo tempo que estão durando começam a causar muito desconforto. Estou certa de que a maioria de nós não sairá dessa pandemia do mesmo jeito que entrou. Não dá para imaginar que tudo voltará ao normal sem que nada mude. Estamos tendo que aprender um jeito diferente de viver, e por conta disso, várias mudanças foram sentidas no mundo. Planos, projetos, responsabilidades ficaram suspensos.

A humanidade teve que enfrentar mais esse desafio e teve que (re) unir conhecimentos, tecnologias, estudos científicos, olhar para a história e tentar aprender com casos semelhantes ocorridos no passado. Se reinventar, e, inventar novas maneiras de viver para poder sobreviver. Nossa casa será não só o nosso lar, mas muitos de nós terão a casa como local de trabalho também, pois muitos irão continuar a trabalhar em home Office. A rotina do lar já mudou e para muitos esse mudança veio para ficar. As consultas médicas por telefone e internet foram antecipadas devido a pandemia, é a telemedicina, que consiste no atendimento médico remoto que vem para auxiliar nos problemas de superlotação, de mobilidade, para evitar aglomerações e diminuir as filas para atendimento com diminuição dos custos também. Pessoas que moram em lugares muito distantes e difíceis de chegar terão acesso à saúde.

Muitos de nós que nunca haviam comprado pela internet, descobriram a facilidade e a conveniência disso e vão utilizar mais esse sistema de compras que facilita a vida. A bicicleta passou a ser mais utilizada, muitos repensando se precisam de carro, pois trabalham em casa. Outros meios de transporte menos poluentes estão sendo utilizados. O meio ambiente agradece. A educação se reinventou e o uso da tecnologia chegou para ficar. Essa mudança em nossas vidas não é temporária. Quando essa pandemia estiver sob controle, muitas coisas não voltarão a ser o que eram. Mudanças que levariam anos para acontecer, estão sendo implementadas em pouco tempo. Essas mudanças já vinham acontecendo, mas de maneira mais lenta e sutil, pois não havia urgência, mas essa crise que se instalou fez com que tudo mudasse de forma abrupta. Alguns valores foram por nós revistos e fortalecidos, como por exemplo, a solidariedade, o cuidado com o outro, a alteridade.

Não há dúvida que a pandemia irá transformar o comportamento das pessoas. As adversidades acabam por unir as pessoas e isso faz elas trabalharem juntas. A economia sofreu abalos, pessoas desempregadas, sem trabalho, indústrias paradas, isso afeta a maneira com que nos relacionamos com o consumo, priorizando o que é essencial e deixando de lado o consumismo exagerado. Um novo mundo se descortina diante de nós, e aquele que não entendeu isso terá mais dificuldade para seguir em frente. Muitos serão os impactos negativos, mas mudanças positivas também irão advir desse caos. A Humanidade tem que se reinventar e ter um olhar mais bondoso e mais esperançoso em dias melhores. O propósito é se readaptar para conceber um destino melhor.

Ser flexível e estar disposto a aprender com tudo isso nos ajudará a entender que o futuro está sendo construído agora. A pandemia é um divisor de águas que está nos levando a muitas mudanças. Há uma angústia em relação ao que vem por aí. O desconhecido assusta, mas espero que a gente saia dessa crise mais forte, que a gente cresça e evolua com responsabilidade, revendo nossas prioridades e valores. Cada um com seu jeito, seu tempo e suas experiências. Quem sabe o despertar de uma nova consciência.

Mariene Hildebrando

12 - Dia Internacional da Enfermagem e do (a) Enfermeiro (a)

O ano de 2020 trouxe mais reflexões e desafios aos profissionais que atuam no combate ao novo Coronavírus. Nos últimos meses você entendeu a importância e necessidade de lavar as mãos para ficar prevenido contra o novo vírus. Mas, há 200 anos, a enfermeira Florence Nightingale percebeu como essa atitude tão básica, a lavagem das mãos, era capaz de prevenir inúmeras doenças. Em homenagem a Florence, a fundadora da enfermagem moderna, o dia 12/05 é considerado o Dia Internacional da Enfermagem e Dia do Enfermeiro.

A atuação de Florence na Inglaterra foi importante para a construção e aplicação de práticas que perduram até hoje em todo o mundo, seja na atuação dos enfermeiros e nos protocolos dos serviços de saúde. A enfermeira atuou na Guerra da Crimeia (1853-1856) e constatou que a maioria dos soldados morriam por conta das infecções, o que motivou suas pesquisas científicas e ações de educação, que também influenciaram as políticas sanitárias. Florence defendeu o treinamento das equipes de enfermagem, a higienização dos hospitais e, principalmente das casas, onde a maioria dos casos de doenças infecciosas eram registrados.

A importância do trabalho de Florence sempre foi evidente pelo mundo, mas, principalmente, neste momento de pandemia que o Brasil e o mundo atravessam. E é esse protagonismo que a professora e coordenadora do curso de Enfermagem da Univille, Elviani Basso Moura, considera importante e relevante a visibilidade da sociedade aos profissionais. "A enfermagem tem um importante papel no combate ao Covid-19, os enfermeiros tornaram-se atores principais dessa trágica pandemia. Esse protagonismo se deve pela atuação corajosa, efetiva e ininterrupta dentro dos hospitais, que resultou em uma comoção geral da sociedade. Esperamos que mesmo com pontos positivos e negativos, esse protagonismo possa ser transformador para a liderança na enfermagem, trazendo tempos futuros melhores e inovadores para a profissão" destaca.

22 - Dia do Abraço

O abraço é uma demonstração de carinho, afeto ou amizade que está presente em todas as culturas. Normalmente, o abraço pressupõe alguma intimidade, mas algumas culturas são mais "abraçadeiras" do que outras.

Nesta data é normal comemorar dando muitos abraços, como acontece com as pessoas que oferecem os "Free Hugs" ou Abraços Grátis! Afinal de contas, a melhor maneira de desejar para alguém um feliz Dia do Abraço é dando um abraço!

Esta data teria surgido a partir da iniciativa do australiano Juan Mann que criou a campanha Free Hugs Campaign, em 2004, com o simples objetivo de distribuir abraços "gratuitos" pelas ruas de Sydney.

23 - Dia de Pentecostes

O que significa Pentecostes?

O termo grego Pentecostes significa "cinquenta dias depois". Ele começou a ser usado para se referir à Festa da Colheita ou das Semanas (o Shavuoth) do povo judeu, uma festa agrícola de agradecimento ao Senhor pelas colheitas que duravam 7 semanas, desde a Páscoa até ao 50º dia.

23 - Dia da Tartaruga

O objetivo principal desta data é promover conhecimentos sobre as tartarugas, além de conscientizar as pessoas da importância em ajudar estes animais a sobreviverem e se desenvolverem.

Existe uma grande variedade de espécies de tartarugas: tartarugas terrestres (conhecidas como jabutis), de água doce e de água salgada. Há ainda, aquelas que vivem na água e na terra, chamadas de cágados.

Origem do Dia da Tartaruga

Esta data foi criada pela American Tortoise Rescue, e celebrada pela primeira vez em 23 de maio de 2000. Desde então, a iniciativa se espalhou por todo o mundo, entre os grupos e ONG's de proteção ambiental.



O que há de África no Brasil?

Há muita coisa de brasileiro que, em realidade, é de origem africana. Conhecê-las é conhecer a nós mesmos

O Brasil não existiria como o conhecemos se não fosse a África. O local onde vivemos surge da ligação de três continentes. Da Europa, nós sabemos quase tudo. E, sem problema algum, nós nos consideramos seus herdeiros. Dos povos originários, nada sabemos, infelizmente (e continuamos, de modo geral, a ignorá-los). O mesmo vale para o continente africano. Mas não seríamos quem somos se não fosse a nossa histórica ligação com a África. Há muita coisa de brasileiro que, em realidade, é de origem africana. Conhecê-las é conhecer a nós mesmos. As provas dessa ligação estão por todo o Brasil e até mesmo sob nossos pés.

Não é tão precisa a história de como foi que aqui chegou. Mas o próprio capim que pisamos e que alimenta o gado não é originário das Américas ou da Europa. É provável que ele tenha vindo a bordo de navios escravagistas que saíam do continente africano no século XVIII. Seus nomes são capim-guiné, capim-pará, capim-marmelada e capim-jaraguá. Hoje eles vivem em regiões em que antes havia Mata Atlântica.

O historiador e brasilianista Warren Dean afirma que mais de quarenta espécies de capim importados da África habitam o solo brasileiro.[1] Não fosse a introdução do capim-guiné, como é que os bois da música do baiano Raul Seixas poderiam abanar o rabo em sua canção de 1983 chamada de Capim-Guiné?

Não é apenas pelo capim que a África aparece em canções de Raul. Na música chamada Rock'n' Roll, de 1989, ele canta as coisas do seu estado de origem, a Bahia. Há dendê, Oxum e Oxóssi na letra da canção.

O azeite de dendê, como é conhecido no Brasil, ou dendém, como é conhecido na Angola, ou elaeis guineensis, como é cientificamente chamado, vive nos dois lados do Atlântico. Em África, o dendezinho vive do Senegal até Angola. Já o Brasil é o nono maior produtor de dendê no mundo, sendo que 90% da sua produção fica no estado do Pará. Ou seja, o dendê alimenta pessoas nos dois continentes.

Não foi só o dendê que veio da África para encher barrigas. O quiabo e a bortalha vieram para

cá, enquanto a mandioca foi virar matapa em Moçambique e acompanhar o mafé no Senegal. Mas não foi só em gastronomia que o Brasil se tornou próximo da África. Raul Seixas não teria citado Oxum e Oxóssi sem que houvesse uma conexão mais profunda com o continente africano, uma conexão entre mentes e histórias.

Os iorubás são um povo que hoje habita a República da Nigéria. Séculos antes do país se tornar uma realidade em 1960 (data de sua independência), os povos da região, como haussás, igbos, fulani e os próprios iorubás, foram esporadicamente visitados por gente branca do continente europeu. Entre eles, os portugueses, que durante o percurso para o Brasil, tentavam transformar as pessoas capturadas na África em coisas. Os colonizadores responsáveis pelo tráfico no Atlântico queriam negar a humanidade dos povos africanos.

Ao chegar no Brasil, esses povos, entre eles os iorubás, se tornaram algo novo, mas sem totalmente deixar de ser o que eram. Algo se manteve, algo resistiu. Os colonizadores e traficantes, que pensavam trazer coisas para trabalhar, não sabiam que traziam humanos cujas mentes estavam recheadas com ideias e formas de pensar o mundo que os escravagistas jamais tentaram compreender.

Graças às suas resistências, os iorubás introduziram e fizeram florescer Oxum e Oxóssi por todo o Brasil. Após longo percurso geográfico e histórico, ambos orixás se tornaram parte das religiões presentes e praticadas em todo o território brasileiro.

Não foi só o rock baiano de Raul Seixas que foi influenciado pela nossa história de contato com a África. Os gaúchos do sul do Brasil, até do Uruguai e Argentina, possuem entre seus ritmos tradicionais um estilo musical chamado milonga, cuja palavra é de origem africana, da língua mbunda. Gaúchos também gostam de farofa (palavra de origem quimbundo) acompanhando o seu tradicional churrasco.

Quando eu era criança e ia nas locadoras de videogame para jogar uma ou duas horas, eu aprendia e ensinava manhas (ou dicas, ou cheats) para os outros meninos, mas não sabia que estava a usar uma palavra de origem africana (Cabo Verde). Quando apaixonado, pareço gostar de cafuné (Angola). E hoje sei que os bêbados do bar da esquina da rua de minha casa de infância, quando tomavam algo que eu considerava muito brasileiro, a cachaça, utilizavam uma palavra de origem quicongo (falada em Angola e Congo). Esse algo "muito brasileiro", a cachaça, possui uma ligação histórica com África. Todas essas coisas ligadas com África estavam presentes na minha fala, na mesa da cozinha e na esquina da minha rua.

Essa conexão histórica entre Brasil e África pode ser lida em mapas. Lagos na Nigéria, Porto Novo no Benin, Ponta Negra no Congo e a Re-

pública de Serra Leoa, são todas nomeadas a partir da língua dos colonizadores. Essa mesma língua dá nome a Porto Seguro, Salvador, Santarém (que também existe em Portugal) e São Paulo, todas cidades brasileiras. Não é só mostra do colonialismo, é também prova de que as ligações históricas do Brasil com a costa atlântica de África que foi mediada por um poder europeu.

Em Lagos existe um bairro chamado Brazilian Quarter (Bairro Brasileiro), e nele vivem os "brasileiros". No bairro brasileiro existe a Brazilian Salvador Mosque (Mesquita Salvador do Brasil). Há também escolas de samba e pessoas cujos sobrenomes são da Silva, dos Santos ou Marinho. Existem ainda diversas construções de arquitetura brasileiras que resistem ao teste do tempo desde meados do século XIX.

Lagos foi um importante centro de retornados, aqueles africanos que voltavam do Brasil, principalmente da Bahia. Diferente do Brasil, a Lagos do século XIX oferecia liberdade, algo que era proibido para muitos brasileiros. Um brasileiro como Augusto João Barcellos, que foi do Rio Grande do Sul até Salvador e de lá zarpou para Lagos em 1868. Mas Augusto não abandonou o Brasil, seu trabalho de fazendeiro e mercador propiciou uma nova visita a Salvador em 1889.

O exemplo de Augusto mostra como um homem de origem africana tornou-se algo diferente no Brasil, sem que algo de África dentro de si acabasse. E depois de retornar para África, tornou-se um brasileiro em Lagos. Augusto, como muitos outros, é uma prova dessa antiga e ainda presente troca que ocorreu entre o Brasil e diversos povos de África.

A mistura de Brasil com África está por todos os lados, mesmo que não saibamos. Tomemos por exemplo o próprio Raul Seixas. Um homem branco nascido e criado na Bahia (o estado mais negro do Brasil), dentro do país mais negro do mundo fora de África. Seixas escrevia e cantava em português (língua de origem europeia que hoje é luso-afro-brasileira), citando termos iorubás (da Nigéria) em um ritmo criado nos Estados Unidos por descendentes de africanos escravizados, entre eles, Chuck Berry. Este último aparece na canção Rock'n'Roll ao lado do africano (e também brasileiro) Oxum, o pernambucano Genival Lacerda e o russo Tchaikovsky.

Não há como falar em uma história geral do Brasil e dos brasileiros sem que exista o continente africano. Não é apenas em salas de aula ou em livros de história que encontramos essas informações. O olhar atento mostra essa presença em nosso cotidiano. O ser brasileiro, de alguma forma, inclui algo de África, uma vez que no ato de ser brasileiro nós encontramos uma salgada de coisas do mundo, mas entre elas, uma grande parcela é de África.

Bruno Ribeiro Oliveira

13 - Dia da Fraternidade

Também conhecido como Dia da Fraternidade Brasileira, esta data celebra um dos valores mais importantes para manter a união e paz numa sociedade: a fraternidade.

A ideia da fraternidade está baseada no conceito de que todos os seres humanos são iguais e, neste sentido, devem ser tratados igualmente com dignidade e respeito.

Assim, a fraternidade faz com que todos os seres humanos sejam iguados ao status de irmãos, devendo possuir direitos iguais, independente da orientação sexual, etnia, religião ou classe econômica.

E neste contexto, o Dia da Fraternidade procura alertar as pessoas para as desigualdades que ainda existem no mundo.

O Dia da Fraternidade Brasileira foi criado a partir da Campanha da Fraternidade, criada em 1961 por três padres responsáveis pela Cáritas Brasileira, uma organização humanitária da Igreja Católica.

Por uma felicidade vadia



Associado ao êxito individual, o ser feliz tornou-se obrigação tormentosa. Pode ser, porém, o desfrute de uma vida sem medos; os convívios que permitem encarar o incerto e a tristeza; e uma ética que, prezando o cuidado, desafia os moralismos

Desde 2013, a ONU reconhece o dia 20 de março como o Dia Internacional da Felicidade. Hoje em dia, a felicidade parece um significante vazio, explorado em excesso, até a exaustão. Abraça tantos significados diferentes, que praticamente cabe tudo nela: desde o consumo de Viagra, até os livros de Paulo Coelho.

Apesar da banalização do termo, ao longo das últimas décadas o neoliberalismo impôs a crença de que a felicidade era fruto do esforço e do talento individual, prêmio que ganhamos por sermos produtivos e competitivos. É o típico discurso da meritocracia liberal, onde cada um chega onde quer com base em seu próprio valor. Para isso, a meritocracia nos introduz a necessidade contínua do “sempre mais”: treinar mais, trabalhar mais, demonstrar mais, ter mais seguidores nas redes sociais, etc. A felicidade torna-se prisioneira entre as frias paredes do cálculo e da eficiência.

É uma dinâmica aparentemente virtuosa, mas capaz de gerar muita frustração e angústia: do mesmo jeito que ficamos contentes com nossos sucessos, nos culpamos por nossos fracassos. A verdade é que o lembrete que o coronavírus trouxe sobre a crua imprevisibilidade da vida desmente o discurso do mérito e da recompensa, principalmente em países que acumulam desempregados — e onde os méritos que supostamente garantiam o sucesso (títulos, idiomas, etc) parecem inúteis. Mas também é desmentido pelo fato de que viver em sociedades sendo branco, homem e hétero e cissexual é um privilégio que oferece vantagens desde o início.

Além disso, a crise do coronavírus escancarou a natureza frágil e instável da felicidade humana, sujeita a três processos que já ocorriam, mas a pandemia se intensificou. O primeiro é a medicalização da felicidade. A nova normalidade trouxe consigo uma normalidade medicada, na qual 55,9% dos espanhóis, por exemplo, sentiram-se “muito tristes ou deprimidos”. Sem mencionar o aumento global do risco de suicídio durante a pandemia. Nesse contexto, logo depois da vacina, os antidepressivos despontam como o grande negócio da indústria farmacêutica no combate à chamada “fadiga pandêmica”. A assombrosa previsão de Huxley sobre a felicidade produzida quimicamente em “Admirável Mundo Novo”, tornou-se realidade.

O segundo processo é a patologização da infelicidade. Espalha-se um discurso no qual a população é culpada ou responsabilizada pelos agravos físicos e mentais causados por uma overdose de realidade. É sempre mais fácil inventar eufemismos patologizantes como “fadiga

pandêmica” do que reconhecer que aquilo que nos deprime e adoce são os problemas das sociedades disfuncionais com valores e prioridades invertidos. A destruição dos sistemas públicos de saúde, a precariedade do trabalho e a erosão da democracia são características da interminável pandemia neoliberal que o coronavírus apenas agravou.

O terceiro é a mercantilização da felicidade. Em tempos de grande vulnerabilidade e incerteza, como o momento atual, a felicidade se torna uma reivindicação lucrativa e atraente para o mercado de autoajuda. Por meio de frases motivacionais enganosas, receitas para aliviar a ansiedade, e apelos retóricos a manter um pensamento positivo, vende-se a ideia de que qualquer um pode sentir-se feliz, independentemente de suas circunstâncias, como se a felicidade fosse uma questão sentimental, um estado psicológico simples, e só. Como bem lembra Franco Berardi, esse sentimento de felicidade imposto é uma consequência perversa do “felicismo” que invade nosso tempo, imperativo que impõe o dever permanente de mostrar que, apesar de tudo, se é feliz — ou pelo menos de aparentar isso, como fazem as redes sociais dia após dia. Nelas, ao invés de vivida, a felicidade é exibida ou simulada.

Diante desse cenário, é preciso desmedicalizar e desmercantilizar a felicidade, que não pode ser adquirida em nenhuma farmácia, e nem brota milagrosamente das páginas de nenhum manual de autoajuda. Precisamos de uma felicidade habitável, e isso exige recuperarmos a sua matriz ética. Para os antigos filósofos gregos, a felicidade dependia do cultivo de um ethos compartilhado, daí a palavra ética. O ethos era uma qualidade, uma forma de ser e de se conduzir no mundo, voltada para o bem viver, a autorrealização pessoal; definitivamente, para uma vida feliz. Para Epicuro, por exemplo, a felicidade consistia em abandonar quatro medos ancestrais que afligem os seres humanos: medo da morte, medo dos deuses, medo do sofrimento e medo do futuro. Quatro medos impossíveis de superar sem a prática da amizade e da paz de espírito.

Continuando com os exemplos, os filósofos astecas utilizavam a palavra *neltiliztli* para referir-se a uma vida vivida satisfatoriamente, uma vida “enraizada” e autêntica perante os inevitáveis deslizamentos da existência. Para alcançá-la, eles não apelavam para o sucesso individual, nem para os talentos mais capazes. O essencial para cultivar essas raízes era cuidar do corpo, da mente, da comunidade e da natureza.

Em ambos exemplos, a felicidade não é um prêmio concedido por ser brilhante, nem um sentimento subjetivo que pode ser administrado à vontade. É um modo de vida valioso em si mesmo, uma jornada cheia de alegrias e tristezas, sucessos e contratemplos, decepções e reconciliações, momentos frustrantes e situações reconfortantes. Um passeio que permite o aprendizado por meio de cada experiência; a prática de cuidar de si mesmo e dos outros; a libertação das convenções opressoras; a reconciliação com o irracional, o arriscado e o contingente da vida, bem como a reivindicação do que é público como espaço de laços compartilhados que abrem a possibilidade de um mundo melhor, pois como diz Audre Lorde, “sem comunidade não há libertação, não há futuro”.

Antoni Aguiló

23 - Dia da Juv. Constitucionalista

28 de Maio uma data que tem tudo a ver com o Movimento M.M.D.C. - Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo

Em 1997, o governador do estado de São Paulo, Mário Covas, oficializou o dia 9 de julho como feriado civil na região, uma homenagem ao soldado constitucionalista que lutou pela queda da ditadura de Vargas.

O Dia da Revolução e do Soldado Constitucionalista foi transformado em feriado civil, data magna do estado de São Paulo, através da Lei nº 9.497, de 5 de março de 1997, a partir de um projeto de lei apresentado pelo deputado Guilherme Gianetti.

Com a tomada de governo, Getúlio Vargas governava sem a Câmara de Deputados ou outro órgão de origem democrática. Isso preocupava seus aliados que exigiam a convocação de eleições para presidente e para deputados.

O grande estopim que inflamou o sentimento de revolta da população de São Paulo foi o assassinato de quatro estudantes paulistas por policiais, em um conflito no dia 23 de maio, data que também entrou para a história do estado.

As iniciais dos nomes dos jovens - M.M.D.C. - Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo - tornaram-se o símbolo da revolução e batizou o movimento.

A exigência por uma nova Constituição era prioridade para a sociedade burguesa de São Paulo, que iniciou a revolução oficialmente no dia 9 de julho de 1932, combatendo contra o governo nacional durante três meses. O combate chegou ao fim em 2 de outubro de 1932, com a rendição dos paulistas.

Também em homenagem aos jovens estudantes que foram assassinados em defesa do movimento constitucionalista, o dia 23 de maio é reconhecido como o Dia da Juventude Constitucionalista.

Na capital paulista, o obelisco do Ibirapuera é um marco construído para simbolizar a dor da perda da vida dos estudantes.

26 - Dia do Eclipse Lunar Total

O ano de 2021 será marcado por 2 eclipses da Lua, um eclipse total e um eclipse parcial.

As datas dos eclipses são:

- 26 de maio: eclipse total, e o ápice do fenômeno ocorrerá às 08h18.

- 19 de novembro: eclipse parcial, e o ápice do fenômeno ocorrerá às 6h02.

Os dois eclipses de 2021 poderão ser observados no Brasil e no restante continente americano.

O que é um eclipse lunar?

Eclipse é um fenômeno astronômico que acontece entre dois corpos celestes. Para ocorrer o eclipse lunar é necessário que a Terra cubra total ou parcialmente a Lua, impedindo que a luz solar a ilumine.

Como a Lua não tem luz própria, mas reflete a luz solar, o eclipse lunar ocorre quando a Terra está posicionada entre o Sol e a Lua. A sombra da Terra, que produz o fenômeno, é projetada total ou parcialmente sobre seu satélite natural.

27 - Dia do Serviço de Saúde

Esta data também é conhecida como Dia do Serviço de Saúde do Exército, uma homenagem ao Patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, João Severiano da Fonseca, que nasceu em 27 de maio de 1836.

O decreto de lei nº 2.497, de 16 de agosto de 1940, formaliza o título atribuído ao General Dr. João Severiano da Fonseca como "Patrono do Serviço de Saúde do Exército".

Atualmente, não apenas o serviço de saúde do exército, mas todos os profissionais civis que se empenham em garantir um atendimento e serviço de saúde com qualidade e dignidade devem ser homenageados.

A saúde é o tema central em outros dias comemorativos, como o Dia Mundial da Saúde (7 de abril), o Dia Nacional da Saúde (5 de agosto) e o Dia Panamericano da Saúde (2 de dezembro).



ROUBO DE CARGAS

Zeção parou o caminhão na frente da loja do Seu Kaled e falou:

- Seu Kaled, tem aqui um caminhão de arroz sem

nota pela metade do preço, o senhor aceita?

- Claro que Kaled aceita – e vira-se para o filho.

- Kaledinho, vai bra esquina e se abarecer fiscal vem corendo avisar babai.

Começam a descarregar e, no meio, aparece Kaledinho:

- Babai!... Fiscal vem vindo!!!

- Bara tudo e volta caregar – grita Kaled.

Chega o fiscal:

- Venda grande não é seu Kaled?

- Oh, oh, melhor venda do ano que Kaled fez...

- E isso aí tem nota?

- Ainda num tem nota borquê Kaled está esberrando carega bra ver quanto mercadoria cabe na caminhon... daí, Kaled tira nota.

- Não pode! diz o fiscal. A nota fiscal tem de ser emitida antes de carregar!

- Ah!... Antão bara tudo, que Kaled non qué brobrema com Receita!...

- Volta, volta, descarega tudo caminhón e guarda lá dentro do loja.



É LIVRE A MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO, SENDO VEDADO O ANONIMATO.

15 - Dia Internacional da Família

Esta data homenageia a instituição familiar, um núcleo essencial para a formação moral de todos os indivíduos.

Vale lembrar que família é o grupo de indivíduos que protegem, cuidam e amam você. Uma família pode ser formada por diferentes membros, não apenas um pai, uma mãe, por exemplo. Existem famílias com dois pais, duas mães, pais ou mães solteiros, tios, avós e etc.

Origem da data: como surgiu o dia da família?

O Dia Internacional da Família foi instituído pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, durante reunião feita em 20 de setembro de 1993. A data foi celebrada pela primeira vez em 1994.

“Existem no mundo diferentes famílias. Família grande, família pequena... Família com pai, mãe e filhos, família com casal e um cachorro, família com pai e filhos, família com mãe e filhos, família com dois pais ou duas mães, família em que os avós são os pais, família de sangue, e família de coração.”

No tempo em que Portugal era apenas uma ilha e D. António I era o Rei



Nos tempos da luta contra a Dinastia Filipina, D. António I refugiou-se na Ilha Terceira e continuou a lutar pela independência de Portugal. Conheça a sua história.

O rei de que aqui lhe vamos falar era D. António, Prior do Crato, que para muitos historiadores chegou a ser de facto rei, apesar de não constar da cronologia oficial dos nossos reis. Nascido em Lisboa, em 1531, era filho natural do Infante D. Luís e neto de D. Manuel I, tendo sido um dos candidatos ao trono de Portugal durante a crise sucessória de 1580, após a morte de D. Sebastião.

Ficou conhecido pelo cognome de Prior do Crato, sendo também chamado de o Determinado, o Lutador ou o Independentista, pela ênfase que pôs no recobro da independência portuguesa.

Segundo alguns historiadores, D. António foi aclamado rei do nosso país e reinou efetivamente, em 1580, embora por um curto espaço de tempo, ficando depois a sua autoridade confinada a algumas ilhas dos Açores até 1583. No entanto, não consta da lista dos Reis de Portugal, e em geral é considerado apenas um candidato ao trono.

A verdade é que, a 24 de julho de 1580, em preparação para a esperada invasão espanhola, D. António foi aclamado rei de Portugal pelo povo no castelo de Santarém. Diz-se que D. António apenas pediu para ser declarado regente e defensor do reino, mas que o entusiasmo do povo o entronou. Acabou por ser aclamado em Lisboa, Setúbal e outros locais. No entanto, a 25 de agosto do mesmo ano, as suas forças são derrotadas na batalha de Alcântara, pelo duque de Alba.

D. António sobreviveu ao combate e fugiu para Norte, com as tropas de Sancho de Ávila a persegui-lo até Viana do Castelo. De novembro de 1580 até maio do ano seguinte, D. António irá viver escondido, abrigando-se em mosteiros e

em casas de partidários devotos. Sabe-se que de junho a setembro de 1581 esteve em Inglaterra, procurando o auxílio militar de D. Isabel I (que não lho concede) e que parte de seguida para França, onde encontra ajuda.

Volta assim, em 1582, a Portugal, mais concretamente à ilha Terceira, nos Açores, que estava do seu lado, local onde continuou a governar, embora apenas localmente, já que em Portugal continental e na Madeira o poder era exercido por Filipe II de Espanha, reconhecido pelas Cortes de Tomar de 1581 como Filipe I de Portugal.

D. António, desembarcado na vila de São Sebastião, marchou por terra até aos portões de São Bento, nesta cidade, onde era esperado por Ciprião Figueiredo, pelo conde de Torres Vedras, por Manuel Silva e por outras personalidades locais. Prova de que a ilha lhe era leal foi o facto de as fortificações de Angra terem salvado à chegada de D. António.

Este ficou hospedado no Convento de São Francisco, e mais tarde, no palácio do marquês de Castelo Rodrigo. Sabe-se que visitou a baía da Salga e a baía da Praia (a atual Praia da Vitória), e que frequentou o Convento da Esperança, sendo apoiado por estas religiosas.

D. António concentrou-se em reforçar as defesas de Angra, com um ataque espanhol iminente e para se defender da ação de corsários, contando para tal com a ajuda financeira de Dona Violante do Canto.

No que toca a Finanças, mandou cunhar moeda, ato de soberania e realeza, sendo essa a razão pela qual é considerado por muitos como um rei de facto e o derradeiro príncipe da Casa de Avis, ao invés do Cardeal D. Henrique.

Em julho de 1583, D. António tinha já escrito à rainha de França, Catarina de Médici, a pedir auxílio, que nunca chegou. Em 1581, registrase a primeira tentativa de desembarque de tropas espanholas, na batalha da Salga, onde a Espanha foi derrotada. Como curiosidade, neste combate participaram os escritores Cervantes e Lope de Veja.

Apesar da vitória, as forças de D. António foram finalmente derrotadas, e D. António instalou-se na França, inimigo tradicional dos Habsburgos de Espanha.

Em 1583, já D. António tinha partido para o exílio, forças espanholas sob o comando de D. Álvaro de Bazán dominaram finalmente a ilha Terceira, após violentos combates.

VortexMag

Literatura Brasileira



Divisão da Literatura Brasileira

A literatura brasileira é subdividida em duas grandes eras que acompanham a evolução política e econômica do País.

As eras são divididas em escolas literárias, também chamadas de estilos de época.

Era Colonial

A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808. É dividida em Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo. Recebe esse nome pois nesse período o Brasil era colônia de Portugal.

Quinhentismo

O Quinhentismo é registrado no decorrer do século XVI. Essa é a denominação genérica de um conjunto de textos que destacavam o Brasil como terra nova a ser conquistada. As duas manifestações literárias do período são a literatura de informação e a literatura dos jesuítas.

A primeira possui um caráter mais informativo e histórico sobre o país; e a segunda, escrito por jesuítas, reúne aspectos pedagógicos.

Barroco

O Barroco é o período que se estende entre 1601 e 1768. Tem início com a publicação do poema Prosopopeia, de Bento Teixeira e termina com a fundação da Arcádia Ultramarina, em Vila Rica, Minas Gerais.

O Barroco literário brasileiro desenvolve-se na Bahia, tendo como pano de fundo a economia açucareira. Dois estilos literários que marcaram essa escola foram: o cultismo e o conceptismo.

O primeiro utiliza uma linguagem muito rebuscada e, por isso, é também caracterizado pelo 'jogo de palavras'. Já o segundo, trabalha com a apresentação de conceitos, portanto, é apontado como 'jogo de ideias'.

Arcadismo

O Arcadismo é o período que se estende de 1768 a 1808 e cujos autores estão intimamente ligados ao movimento da Inconfidência, em Minas Gerais.

Agora, o pano de fundo é a economia ligada à exploração do ouro e das pedras preciosas. Além disso, destaca-se o relevante papel desempenhado pela cidade de Vila Rica (Ouro Preto).

A simplicidade, a exaltação da natureza e os temas bucólicos são as principais características dessa escola literária.

Período de Transição

O chamado período de transição ocorre entre 1808 a 1836. É considerado um momento inerte da literatura brasileira, marcado pela chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, contratada por Dom João IV.

Era Nacional

A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e dura até os dias atuais. Começa com o Romantismo e perpassa pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e o Pós-modernismo.

Recebe esse nome pois ela aconteceu após a Independência do Brasil, em 1822. Nesse período o nacionalismo é uma forte característica, notória na literatura romântica e moderna.

Romantismo

Essa é a primeira escola literária a registrar um movimento genuinamente brasileiro. O Romantismo no Brasil se inicia em 1836, com a publicação da obra Suspiros Poéticos e Saudades, de Gonçalves Magalhães.

Perdura até 1881, quando Machado de Assis e Aluísio de Azevedo publicam obras de orientação Realista e Naturalista.

Realismo

O Realismo no Brasil começa em 1881 quando Machado de Assis publica Memórias Póstumas de Brás Cubas.

As principais características são o objetivismo e a veracidade dos fatos, os quais são explorados por meio de uma linguagem descritiva e detalhada. Temas sociais, urbanos e cotidianos são apresentados pelos escritores do período.

Naturalismo

O Naturalismo no Brasil tem início em 1881 com a publicação da obra O Mulato de Aluísio de Azevedo.

Paralelo ao realismo, esse movimento literário também pretendia apresentar um retrato fidedigno da sociedade, no entanto, com uma linguagem mais coloquial.

Da mesma forma que o movimento anterior, o naturalismo era oposto aos ideais românticos e apresentava muitos detalhes nas descrições. Entretanto, trata-se de um realismo mais exagerado onde suas personagens são patológicas. Além disso, o sensualismo e o erotismo são marcas dessa produção literária.

Parnasianismo

O Parnasianismo tem como marco inicial a publicação da obra Fanfarras, de Teófilo Dias, em 1882. Essa também é outra escola literária que surge paralela ao realismo e o naturalismo. Todavia, sua proposta era bem diferente e portanto, foi classificada de maneira independente.

Ainda que os autores do período escolhessem temas relacionados com a realidade, a preocu-

pação residia na perfeição das formas.

A "arte pela arte" é o mote principal do movimento. Nesse período os valores estiveram essencialmente voltados para a estética poética, como a métrica, as rimas e a versificação.

Simbolismo

O Simbolismo começa em 1893 com a publicação de Missal e Broquéis, de Cruz e Souza. Ele vai até o início do século XX, quando ocorre a Semana de Arte Moderna.

As principais características dessa escola literária são o subjetivismo, o misticismo e a imaginação.

Pré-Modernismo

O pré-modernismo no Brasil foi uma fase de transição entre o simbolismo e o modernismo que ocorreu no início do século XX.

Aqui, já se via despontar algumas características modernas como a ruptura com o academicismo e ainda, o uso de uma linguagem coloquial e regional.

A temática mais explorada pelos escritores do período estiveram voltadas para a realidade brasileira com temas sociais, políticos e históricos.

Modernismo

O Modernismo no Brasil é marcado pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922. É o limite entre o fim e o início de uma nova era na literatura nacional e nas artes como um todo.

Inspirado nas vanguardas artísticas europeias, o movimento modernista propõe o rompimento com o academicismo e o tradicionalismo. É assim que a liberdade estética e diversas experimentações artísticas são apresentadas nesse momento.

Esse período foi dividido em três fases: a fase heroica, a fase de consolidação e a fase pós-moderna.

Pós-Modernismo

A produção artística brasileira passa por intensa transformação após o fim da 1ª Guerra Mundial. Assim, o pós-modernismo é uma fase de novas formas de expressão que acontecem na literatura, no teatro, no cinema e nas artes plásticas.

Essa nova postura moldará o imaginário por meio da ausência de valores, a liberdade de expressão e o forte individualismo. Além disso, a multiplicidade de estilos é uma marca do período.

A literatura brasileira contemporânea é composta por muitos escritores: Ariano Suassuna, Millôr Fernandes, Paulo Leminski, Ferreira Gullar, Adélia Prado, Cora Coralina, Nélida Pinõn, Lya Luft, Dalton Trevisan, Caio Fernando Abreu, etc.

Daniela Diana Daniela Diana

Edição: Filipe de Sousa

01 - Dia do Trabalhador

O Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador é comemorado anualmente em 1º de maio em diversos países do mundo.

O Dia do Trabalho é feriado nacional no Brasil, em Portugal, Rússia, França, Espanha, Argentina, entre outras nações.

Esta data representa o momento que os empregados e as empresas têm para refletir sobre as legislações trabalhistas, normas e demais regras de trabalho.

Nesta data também é homenageada a luta dos trabalhadores que reivindicaram por melhores condições trabalhistas. Graças à coragem e persistência desses trabalhadores, os direitos e benefícios atuais dos quais usufruímos foram conquistados.



BRASIL



GUINÉ-BISSAU



MOÇAMBIQUE



MACAU



ANGOLA



CABO VERDE



PORTUGAL



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



TIMOR LESTE



GUINÉ EQUATORIAL

LUSOFONIAS - Reinvenção de Comunidades e Combate Linguístico-Cultural

POR: Moisés de Lemos Martins

APRESENTAÇÃO

(Matéria continuada)

Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia debate a questão lusófona, em três aspectos principais. No atual contexto da globalização, que é uma realidade de cariz eminentemente econômico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação, esta obra interroga o sentido das narrativas (literárias e mediáticas, e também das narrativas de histórias de vida) sobre a construção de uma comunidade geocultural transnacional e transcontinental lusófona. Interroga, igualmente, as políticas da língua e da comunicação como combate simbólico pela afirmação de uma comunidade plural, na diversidade de povos e culturas lusófonas. E interroga, ainda, a complexidade do movimento de interpenetração das culturas, o qual, com gradações diversas, que compreendem colonialismo, neo-colonialismo e pós-colonialismo, na relação entre povos, traduz o encontro, a assimilação e a dominação, na interação entre nós e o outro.

Sendo este o plano geral da obra Lusofonia e Interculturalidade, misturam-se nela distintos regimes do olhar, específicos das Ciências Sociais e Humanas, que vão da sócio-anthropologia, à psicologia social, à ciência política e às ciências da comunicação, e da linguística, aos estudos literários, à história e às ciências da educação.

Os investigadores convidados para esta coletânea refletem a partir de diferentes contextos nacionais, mas movem-se todos no espaço pluricontinental em que a língua portuguesa é língua oficial. Na maior parte dos casos trata-se de estudos que há dezenas de anos interrogam o modo 8. como o Português modelou a história e a cultura de diferentes povos e se estabeleceu como fator da sua identidade, ou seja, como tempo e como espaço que os situa, histórica e culturalmente. Na senda dos estudos pós-coloniais, pode dizer-se que Lusofonia e Interculturalidade interroga a interpenetração identitária de nós com o outro, aberta pela expansão portuguesa dos séculos XV e XVI, uma realidade complexa e contraditória, onde se misturam águas ainda revoltas e em convulsão 1. Projetando a Lusofonia como realidade híbrida, miscigenada, e como construção, Lusofonia e Interculturalidade assume, todavia, o risco de comprovar a conhecida tese atribuída a Bernard Shaw, de que podemos ter uma língua comum para mais facilmente nos desentendermos 2. Na comunidade lusófona, de mais de 250 milhões de falantes, apenas uma minoria concebe as suas pertenças a partir da língua comum. Nestas circunstâncias, podemos perguntar-nos se o lugar da Lusofonia pode ser coisa diferente de um lugar de “lusófonias”, para falar como Mia Couto (2009). Ou seja, podemos perguntar-nos se o lugar da Lusofonia pode ser outra coisa que um lugar de não conhecimento e de não reconhecimento.

1 Sobre a complexidade e o caráter controverso do termo e do conceito Lusofonia, assim como sobre a sua contextualização, no quadro das várias fonias (Francofonia, Anglofonia e Hispanofonia), escreveu Carlos Alberto Faraco, linguista brasileiro, o texto “Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política”. E caracteriza-a, com marcada ironia e distanciamento: “Diz-se Lusofonia com uma vibração especial das cordas do coração, com um senso de lírica pertença a uma indefinida comunidade transnacional e intercontinental unida pelo imaginário da mesma língua e de tudo que o acompanha” (Faraco, 2012: 32).

O linguista português Ivo Castro (2010) é, todavia, muito ácido relativamente ao sentido geral do texto de Carlos Alberto Faraco, vendo nele “um forte ataque à ideia de Lusofonia” (Castro, Ibid.: 66), e também o “pretexto” para combater “a política de cooperação no ensino e na difusão da língua promovida por Portugal, sobretudo através do Instituto Camões” (Ibid.: 68).

2 Convoco aqui uma notável paráfrase de Mia Couto (2007) a uma conhecida citação atribuída a Bernard Shaw: “England and America are two countries separated by a common language” [Inglaterra e Estados Unidos são dois países separados por uma língua comum]. Afirma Mia Couto: “Detenho-me na palavra descolonização [...] Ainda hoje, para muitos portugueses o que aconteceu em África foi que Portugal, com o 25 de Abril, aceitou, enfim, descolonizar os territórios africanos.

Ora, parece-nos a nós, africanos, que é preciso acertar o sujeito do verbo. Não foi Portugal que descolonizou os países africanos. A descolonização só pode ser feita pelos próprios colonizados. E nós, todos nós, sem exceção, éramos colonizados. Descolonizámo-nos uns aos outros, uns e outros” (Couto, Ibidem).

3. Muitos se interrogam, por outro lado, se a questão lusófona pode remeter, porventura, para coisa diferente de uma centralidade portuguesa no relacionamento dos países que têm o Português como língua oficial. Ou seja, muitos se interrogam se aqueles que tomam a questão lusófona como assunto de primeira importância no estudo das relações interculturais, no atual mundo globalizado, não estarão a disfarçar uma visão neocolonial na relação entre povos. Muitos se interrogam, também, se o seu empreendimento poderá ser outra coisa que uma serôdia recauchutagem da teoria luso-tropicalista e do refúgio imaginário de uma nostalgia imperial. E, com efeito, se a questão lusófona se resumisse aos seus equívocos neocoloniais, sem dúvida que dever-se-ia “acabar de vez com a lusofonia” (António Pinto Ribeiro, 2013), porque não é destino para país algum deixar-se apagar pela centralidade portuguesa (Nataniel Ngomane, 2012).

A ideia de Lusofonia inscreve-se no contexto do atual debate sobre a globalização, que é, como referi, uma realidade de cariz eminentemente econômico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação.

Esta ideia de globalização dá-nos uma identidade definida, ou seja, definitiva, uma identidade

de indivíduos móveis, mobilizáveis, competitivos e performantes no mercado global. Exprime, além disso, uma conceção cosmopolita de cultura, a cultura-mundo, uma cultura da unidade, servida por uma única língua, o inglês. A globalização cosmopolita, fundada nas tecnologias da informação e na economia, não pode ser contrariada por indivíduos solitários e impotentes, nem por estados-nações em crise.

A globalização cosmopolita é contrariada, todavia, pela globalização multiculturalista, que reúne os povos de áreas geo-culturais alargadas, promove e respeita as diferenças, dignificando, do mesmo passo, as línguas nacionais.

3 Dou o exemplo de Moçambique e convoco Mia Couto (2009: 192-193): “O governo moçambicano fez mais pela língua portuguesa que os 500 anos de colonização. Mas não o fez por causa de um projecto chamado lusofonia. [...] Fê-lo pelo seu próprio interesse nacional, pela defesa da coesão interna, pela construção da sua própria interioridade”. . A globalização multiculturalista é feita pela mistura, pela miscigenação de etnias, línguas, memórias e tradições

4. É este o contexto em que se inscreve a Lusofonia, um movimento multicultural de povos que falam uma mesma língua, o português. A Lusofonia, ao invés da homogeneização empobrecedora e de sentido único, estabelecida pela globalização cosmopolita, tem a virtude do heterogêneo e a sedução de uma rede tecida de fios de muitas cores e texturas, uma rede capaz de resistir à redução do diverso a uma unidade artificial. Não podemos, no entanto, deixar de nos manter vigilantes sobre os muitos equívocos que atravessam o conceito de Lusofonia:

1. Os equívocos de uma centralidade portuguesa;
2. Os equívocos da reconstituição, em contexto pós-colonial, de narrativas do antigo império, hoje com propósitos neocoloniais, sejam eles conscientes ou inconscientes;
3. Os equívocos do luso-tropicalismo, renascente e redivivo, de uma “colonização doce”, que hoje tanto pode glorificar o antigo país colonial como exaltar os atuais países independentes;
4. E ainda, os equívocos de algum discurso pós-colonial, que propõe a narrativa de uma história de ressentimento, um discurso que exige uma vindicta histórica, uma revanche serôdia, a pretexto de resgatar a memória de um passado colonial
5. Mais do que objeto de mera curiosidade histórico-linguística ou até histórico-cultural, a ideia de Lusofonia é hoje tema em que é investida paixão.

E, de igual modo, nela são investidos interesses: políticos, estratégicos, económicos e sociais, e sobretudo interesses culturais. Tais interesses têm a ver não apenas com aquilo que os países lusófonos foram como colónias, línguas e culturas no passado, mas também, sobretudo, com o presente e com o destino do “continente imaterial” que estes países constituem (Martins, 2006: 15-18).

.CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Liberdade de Imprensa



A liberdade de imprensa constitui cerne de uma sociedade livre e democrática. Através da informação jornalística independente e sem censura, o povo pode avaliar corretamente os acontecimentos da vida pública. Para que isso aconteça, contudo, é necessário o respeito às limitações previamente estabelecidas.

A liberdade de imprensa é base para todo Estado Democrático. Através dela, o povo exerce seu direito de ser informado e participar da cidadania com consciência sobre a realidade pública. Por outro lado, por mais fundamental que seja, a liberdade de informação deve respeitar seus limites internos e externos, em especial o respeito aos direitos de igual hierarquia normativa.

O que é liberdade de imprensa?

A rigor, a velha liberdade de imprensa foi superada pela liberdade de informação jornalística com a Constituição Federal de 1988, já que não há limitação ao veículo impresso, mas compreende-se qualquer forma ou veículo de comunicação social em matéria de jornalismo. Contudo, como aquele termo ainda guarda um uso bastante arraigado na sociedade, utilizaremos ambos os conceitos como sinônimos.

A liberdade de imprensa foi juridicamente tutelada como fundamental, pela primeira vez, na 1ª Emenda da Constituição Estadunidense, inaugurando a chamada Bill of Rights. Ali, previu-se que o Congresso dos Estados Unidos:

“Não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibir o livre exercício dos cultos, ou cercear a liberdade de expressão, ou de imprensa, ou o direito do povo se reunir pacificamente e de dirigir ao governo petições para a reparação de seus agravos.”

No Brasil, a Constituição de 1988 reservou a liberdade de informação jornalística no rol de direitos fundamentais, dedicando-lhe os incisos IV, V, IX, XII e XIV do artigo 5º para sua disciplina.

Isso significa que a liberdade de imprensa possui aplicabilidade imediata, independente de lei infraconstitucional, e é protegida contra alterações da Constituição e as causas que lhe disserem respeito poderão ser apreciadas pelo Supremo Tribunal Federal.

Mas o legislador constituinte foi além e dedicou um capítulo inteiro, nos artigos 220 a 224, para ampliar a densidade normativa da comunicação social. Dessa interpretação sistemática, extraem-se alguns princípios básicos que regem o exercício da liberdade de imprensa.

Princípios básicos da liberdade de imprensa

Primeiramente, respeitados os limites impostos pela Constituição, as formas de comunicação não sofrerão restrições quanto ao processo ou veículo de divulgação. Igualmente, nenhuma lei pode constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística. É o que dispõe o art.

220, caput e §1º, da Lei Fundamental.

Em terceiro lugar, é vedada qualquer forma de censura de natureza política, ideológica ou artística, seja previamente ou a posteriori. É dizer, portanto, que não cabe a intervenção proibitiva, que impeça a divulgação da matéria, por motivos extrajurídicos e que se baseiem na qualidade moral do conteúdo apresentado. A garantia está positivada no art. 220, §2º, da Constituição.

Como quarto princípio temos que a publicação em forma impressa ou digital independe de licença de autoridade. Apenas os veículos de radiodifusão e televisão, por serem meios de comunicação de titularidade do Estado, dependem de autorização, permissão ou concessão do poder público para serem operados.

Importância da liberdade de imprensa

A preocupação do constitucionalismo com a liberdade de imprensa não é supérflua. Pelo contrário, o povo reconheceu que ela é necessária para a construção de uma sociedade livre e justa, capaz de enfrentar com consciência os desmandos dos poderes constituídos.

Embora todos os direitos fundamentais se direcionem para a limitação do poder da autoridade, a liberdade de imprensa ocupa um protagonismo nessa função. Somente quando temos acesso aos acontecimentos do mundo podemos exercer um juízo sobre ele. Apenas quando temos em mãos, por fontes confiáveis, a certeza sobre os erros e abuso do poder político ou social, podemos nos insurgir contra ele.

Com efeito, a história já nos mostrou como períodos autoritários tendem a descredibilizar a imprensa, colocando-a como inimiga pública, sobretudo quando os jornalistas passam a divulgar resultados críticos desse ou daquele governo. Como anotou Steven Levitsky, autor do best-seller “Como as democracias morrem”, um dos primeiros sintomas de falência democrática sobre uma nação é o desprezo aos veículos de comunicação e à liberdade de imprensa.

Daí porque a doutrina majoritária, como José Afonso da Silva, considera a liberdade de informação também como um dever dos agentes de comunicação, integrantes de um direito maior: o direito do povo de ser informado.

Afinal, é o povo quem tem o direito a consumir informação independente e qualificada de diversas fontes, a fim de que possa exercer seu exame sobre a vida pública. A liberdade de imprensa é apenas uma ferramenta para que isso ocorra.

Para que isso aconteça, contudo, a liberdade de informação jornalística não pode ser absoluta, mas deve respeitar as fronteiras internas e externas, previamente estabelecidas pela Constituição.

Limites da imprensa

Embora a liberdade de imprensa seja essencial à natureza de um Estado livre, deve haver limitações. Toda pessoa tem um direito individual a colocar diante do público suas opiniões, porém, se publicar ou veicular algo que é impróprio, malicioso ou ilegal, deve assumir a consequência de sua própria temeridade. Nenhum direito é absoluto, por mais fundamental que seja.

Assim, as informações, opiniões e críticas jornalísticas encontram limitações para o seu exercício. São elas:

- a vedação do anonimato;
- a preservação dos direitos de personalidade, entre os quais se incluem a honra, a imagem, a privacidade e a intimidade;
- a garantia do direito de resposta e reparação;
- a vedação de veiculação da crítica jornalística com intuito de difamar, injuriar ou caluniar a pessoa.

o compromisso ético com a informação verossímil.

Convergindo com este entendimento, o TJRS caracteriza a abusividade do direito sempre que a publicação tiver teor pejorativo, ou quando trazer informações manifestamente inverídicas, com anseio de ofender a imagem e o conceito da pessoa perante a sociedade. (Apelação Cível n. 70075324640; Sexta Câmara Cível; Rel. Elisa Carpin Corrêa; Red. Niwton Carpes da Silva, j. em 06/04/2018).

Diferença entre liberdade de imprensa e liberdade de expressão

Um direito fundamental imediatamente relacionado à liberdade de imprensa é a liberdade de expressão. Em verdade, ambas são espécies da liberdade de comunicação em sentido amplo, mas é preciso dar-lhes uma distinção.

Inicialmente, a liberdade de expressão (positivada na Constituição como liberdade de manifestação do pensamento) é um direito fundamental endereçado a todas as pessoas em território nacional, não apenas àquelas detentoras de meios de comunicação.

Nos termos do art. 5º, inciso IV, da Constituição, é livre a expressão do pensamento, sendo vedado o anonimato. Sua função não é tanto formar e influenciar a opinião pública, mas dar as condições para a que o povo possa manifestar suas ideias, compreendendo que essa é uma capacidade inerente à dignidade da pessoa humana.

Da interpretação constitucional, extrai-se que a expressão do pensamento é um pressuposto para uma vida digna.

A manifestação do pensamento é acompanhada também por uma dimensão negativa, qual seja, o direito de tê-lo em segredo, recolhendo-o na esfera da intimidade. Assim, se é livre a expressão, também o é o silêncio.

Dessa conclusão se extrai que ninguém pode ser obrigado a manifestar opinião que conflita com sua crença religiosa, ou convicção política ou moral. No avanço do constitucionalismo, o direito a ficar calado foi incorporado na Constituição como direito subjetivo autônomo, quando do inciso LXIII, do artigo 5º, em especial enquanto garantia do preso.

A fundamentação se baseou na proibição do Estado em impor opinião a respeito de tema político ou confessional, mas sobretudo na liberdade de expressão em uma dimensão muito preciosa: a liberdade de não se expressar.

Dessa forma, embora a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa estejam agrupadas sob o denominador comum da comunicação, suas finalidades são distintas na ordem constitucional.

Gustavo Martinelli

Edição: Filipe de Sousa

O Campo e a Agricultura Familiar



Qual a situação da agricultura familiar no Brasil?

A agricultura familiar no Brasil é a principal produtora dos alimentos que vão para mesa dos brasileiros. Diferente da monocultura, esse tipo de manejo do solo produz alimentos variados, com respeito ao solo e ao ecossistema, e é feito por brasileiras e brasileiros que tem a terra como sua principal fonte de sustento. Saiba mais sobre as características e desafios da agricultura familiar no Brasil.

O que é agricultura familiar?

Agricultura familiar é toda forma de cultivo de terra que é administrada por uma família e emprega como mão de obra os membros da mesma. A produção de alimentos acontece em pequenas propriedades de terra e se destina a subsistência do produtor rural e ao mercado interno do país.

Esse modelo de produção tradicional, contrasta com as grandes produções do agronegócio que produzem em massa um único gênero alimentar, como soja ou milho, destinado à exportação e a alimentação de animais para pecuária.

Como funciona a agricultura familiar?

A agricultura familiar se diferencia dos demais tipos de agricultura pois nela a gestão da propriedade é compartilhada pela família e os alimentos produzidos nela constituem a principal fonte de renda para essas pessoas. No Brasil, a atividade envolve aproximadamente 4,4 milhões de famílias e é responsável por gerar renda para 70% dos brasileiros no campo segundo informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Não há no mundo uma definição específica sobre agricultura familiar, o tema é abordado e entendido de maneira diferente por cada país e alguns contam com legislações específicas que regulam esse tipo de produção.

No Brasil, a agricultura familiar conta com uma legislação própria. É considerado agricultor familiar aquele que promove atividades no meio rural em terras de área inferior a quatro módulos fiscais, emprega mão de obra da própria família e tem sua renda vinculada a produção resultante desse estabelecimento.

Um módulo fiscal é uma unidade de medida definida em hectares que tem seu valor estipulado pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para cada município de acordo com o tipo de exploração da terra, a renda obtida, outros tipos de exploração existentes e que também gerem renda, e o conceito de propriedade familiar.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a agricultura familiar é a principal responsável pela produção de alimentos para os brasileiros. Ela é composta por pequenos produtores rurais, povos indígenas, comunidades quilombolas, assentamentos de reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas e

pescadores o setor se destaca pela produção de diversos gêneros alimentares, como milho, mandioca, feijão, arroz entre outros.

Quais são os dados?

De acordo com o censo agropecuário de 2017, realizado pelo IBGE, 77% dos estabelecimentos agropecuários são classificados como sendo de agricultura familiar. A concentração desse tipo de produção é maior nas regiões norte, nordeste e em pontos da região sul do país. Os estados de Pernambuco, Ceará e Acre possuem a maior concentração de agricultura familiar por área no país, enquanto os estados do Centro-Oeste e São Paulo, são as regiões que possuem menores níveis de concentração.

O censo agropecuário de 2017 do IBGE aponta ainda que a agricultura familiar no país é responsável por empregar 10,1 milhões de pessoas e corresponde a 23% da área de todos os estabelecimentos agropecuários. Os homens representam 81% dos produtores, e as mulheres 19%. A faixa etária de 45 e 54 anos é a que mais concentra agricultores e apenas pouco mais de 5% deles completaram o ensino superior.

Esses pequenos agricultores são responsáveis por produzir cerca de 70% do feijão nacional, 34% do arroz, 87% da mandioca, 60% da produção de leite e 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos.

Existem programas de incentivo no Brasil?

No site da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) é possível encontrar diversos programas de governo destinados direta ou indiretamente a agricultura familiar. O Programa Nacional de Fortalecimento de Agricultura Familiar (Pronaf) financiado pelo BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social) procura promover a ampliação ou modernização da estrutura produtiva nos estabelecimentos rurais. Apesar desses programas serem ativos, sofrem atualmente de baixo financiamento com a paralisação de empréstimos em alguns programas por falta de verba.

O Pronaf conta com diversos subprogramas que se destinam a questões específicas do agricultor familiar. O Pronaf Mulher, por exemplo, procura promover financiamento as atividades da mulher agricultora. O Pronaf Agroecologia, por sua vez, fornece investimento para sistemas de produção agroecológico ou orgânicos. Esses e outros programas podem ser acessados na página do programa.

Apesar da existência de diversos programas de incentivo à agricultura, em janeiro deste ano, o governo congelou diversas modalidades de financiamento ao pequeno agricultor justificando ter atingido o comprometimento total dos recursos disponíveis para agricultura, ou seja, o governo não possui mais orçamento disponível para financiar esses programas.

Os programas que sofreram paralisação em suas linhas de crédito estão o Programa de Construção e Ampliação de Armazéns, Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica na Produção Agropecuária – INOVAGRO, Programa de Modernização da Agricultura e Conservação dos Recursos Naturais – MODERAGRO e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. O aviso vinculado ao site do BNDES pode ser acessado aqui.

Desafios da Agricultura Familiar

A maioria da produção alimentícia para os brasileiros é feita por camponeses e camponesas pelo Brasil. Como dito anteriormente, a agricul-

tura familiar é responsável pela maioria dos alimentos que vão à mesa dos brasileiros. Contudo, esses pequenos produtores têm acesso a apenas 14% de todo financiamento disponível para agricultura e se concentram em apenas 23% das terras agriculturáveis no país

O programa das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em um levantamento realizado em 2014 estimou que as propriedades inferiores 1 hectare de terra, correspondiam a 72% de todas as propriedades do mundo e apenas 8% dessas se destinavam a agricultura.

Em contrapartida 1% das terras com mais de 50 hectares correspondem a 65% das terras agriculturáveis no mundo. Isso significa que a distribuição de terra pelo mundo é desigual, com poucas pessoas ou empresas concentrando grandes extensões de terra.

No Brasil, 63 milhões de hectares de terra são destinados a agropecuária, com o agronegócio ocupando cerca de 61,6 milhões de hectares, de acordo com a Embrapa e o censo agrícola de 2017. A predominância do agronegócio favorece e atrai grandes investimentos para o país, aumentando a busca e o valor da terra.

A busca por mais terras que possam ser exploradas coloca os pequenos agricultores do país em choque com interesses de grandes conglomerados nacionais e internacionais da indústria agrícola. A produção agrícola industrial no Brasil conta com um forte lobby no governo, a Frente Parlamentar da Agropecuária, que orienta suas políticas à promoção dos interesses de grandes grupos agrícolas.

A busca pelo lucro por parte de grandes empresas privadas acaba sendo contraditória as necessidades da população, dos povos tradicionais do Brasil e da fauna e flora. Afinal, é errônea a ideia de que é o agronegócio que produz alimentos para o brasileiro. Os insumos dessa produção, normalmente, não se destinam a alimentação de seres humanos, mas para produção de ração para animais, combustíveis e outros produtos para indústria.

A maior diferença entre o agricultor familiar e o agronegócio é que o pequeno produtor depende da terra para sua sobrevivência. A diversidade de plantios existente no sistema familiar permite ao solo se manter saudável. O agronegócio, por sua vez, depende de grandes áreas de terra e produz um tipo único de produto em grande quantidade. Esse tipo de cultura, acaba esgotando os nutrientes do solo, uma vez que não dá tempo para que o mesmo se recupere. O principal foco desse sistema é a exportação.

O avanço dos interesses do agronegócio força muitas vezes o agricultor familiar a competir em clima desfavorável. A maior parte dos incentivos do governo para a agricultura estão concentrados no setor agrícola industrial e pouco crédito é disponibilizado aos pequenos agricultores. A busca por terras a serem exploradas tem ameaçado a biodiversidade do país, com desmatamentos e assassinatos de povos indígenas, ativistas e pequenos agricultores no campo.

“Os camponeses e camponesas do Brasil fazem muito com pouco: carregam a soberania alimentar nas costas, produzem em diversidade e qualidade alimentos [...]” para a mesa dos brasileiros. Sua produção é feita com respeito ao meio ambiente e a biodiversidade.”

Com informações do Politize
Edição: Filipe de Sousa

O negro no Brasil e a grande mentira sobre o seu papel na construção de nossas riquezas



13 de Maio

Recentemente, em palestra para uma comunidade judaica, o deputado federal Jair Bolsonaro teceu comentários considerados ofensivos contra os negros quilombolas. É inegável que esse sujeito retrógrado e debilmente ululante, não deveria ser levado a sério em suas verborragias. Entretanto, sobre o tema, que já tive oportunidade de tecer considerações aqui neste DM, há que se fazer algumas ponderações, considerando o próximo dia 13, data em que muitos debates e afirmações equivocadas e mal intencionadas ocorrerão, atinente ao papel do negro na construção de nossa sociedade. Portanto, retomo o debate sobre essa questão que faz aflorar tantas paixões.

Uma das grandes distorções da história do Brasil é em relação ao mito que envolve a vida dos escravos no período colonial. Ninguém mentalmente sadio seria capaz de imaginar a escravidão e não se revoltar com ela. Entretanto, ajustes oportunistas e mal-intencionados de fatos históricos não contribuem para a correção de injustiças sociais atuais. O vitimismo, atualmente tão utilizado como forma de opressão e escamoteação da verdade, não tem sido o expediente recorrente apenas por alguns movimentos negros para a obtenção de privilégios. Essa modalidade de malandragem moderna é também utilizada por outros segmentos como judeus, feministas e movimentos de homossexuais, que dela se valem em larga escala. Na abordagem sobre a escravidão é preciso, antes de tudo, desconstruir alguns mitos. O principal é o de que o Brasil tem uma “dívida histórica de gratidão com os povos negros”. Papo furado! Arrisco a afirmar que os negros que vieram para o Brasil, estes sim, têm uma dívida de gratidão histórica com o Brasil. A utilização de mão de obra escrava não atingia todos os estados do Brasil. Ela era circunscrita a algumas províncias como, principalmente, o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão. Em São Paulo, até o final do século XVII, quase não se encontravam negros. Atualmente, os Estados mais ricos e desenvolvidos do Brasil não tiveram como base o emprego de mão de obra escrava. Não se pode afirmar que o regime de escravidão contribuiu para com o desenvolvimento do país. Ao contrário. Tornava-o estagnado em razão do modo feudal de produção. Aliás, os movimentos abolicionistas, estrangeiros e brasileiros, surgiram exatamente em razão de ser a escravidão um sistema que

contrariava os ideais da economia liberal, pois limitava o poder de consumo. A abolição da escravidão no Brasil não foi um ato de generosidade humana por parte da Princesa Isabel, nem surgiu como resultado do heroísmo da luta de negros pela liberdade, como é atribuído ao pseudo-herói “Zumbi de Palmares”, a personificação de outra grande farsa construída pelos deturpadores da história brasileira. Os negros, à época, não tinham consciência de liberdade, como não a têm até hoje. Tanto que na África praticavam, e ainda praticam, a escravidão e até o canibalismo em certas aldeias. Se é verdade que o Brasil foi o último país do ocidente a abolir a escravidão, em 1888, por outro lado, a Mauritânia, um país africano, somente o fez, ao menos oficialmente, no ano de 1981, em pleno século XX, e só no ano de 2007 a prática da escravidão passou a ser considerada crime. A abolição da escravidão no Brasil contou com abolicionistas de grande expressividade, como o aristocrata e intelectual branco Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e o poeta Castro Alves. Estes, entretanto, sequer são lembrados pelos que endeusam, injusta e indevidamente, Zumbi de Palmares. A própria Princesa Isabel, quando teve os restos mortais trazido da França para ser sepultado no Brasil, durante a cerimônia de homenagem, não recebeu a visita de nenhum negro – ainda que tenha sido quem aboliu a escravidão no Brasil, através da Lei Imperial 333, de 13 de maio de 1888, conhecida como Lei Áurea. Os estudos sobre Palmares concluem que o Quilombo, situado onde hoje é o estado de Alagoas, não era um paraíso de liberdade, não lutava contra o sistema de escravidão, nem era tão isolado da sociedade colonial quanto alardeiam os criadores da fantasia romântica sobre o heroísmo de Zumbi e os Quilombos. O retrato que emerge de Zumbi é o de um rei guerreiro que, como muitos líderes africanos do século XVII, tinha um séquito de escravos para uso próprio. “É uma mistificação dizer que havia igualdade em Palmares”, afirma o historiador Ronaldo Vainfas, professor da Universidade Federal Fluminense e autor do Dicionário do Brasil Colonial. “Zumbi e os grandes generais do Quilombo lutavam contra a escravidão de si próprio, mas também possuíam escravos”, completa. O homem branco não capturava nem aprisionava os negros na África. Aliás, ele sequer passava dos portos. Os negros eram aprisionados por outros negros, de aldeias e tribos diferentes. Não raramente, disputas internas ocasionavam o aprisionamento e a venda como escravos entre negros da mesma etnia. Não é segura a informação de que os negros escravos no Brasil simplesmente trabalhavam sem direito algum. A escravidão no Brasil seguiu semelhante ao regime do Colonato romano, surgido durante a crise do Império Romano, entre os sécs. III e V, pelo qual os trabalhadores (escravos) sustentavam-se com o próprio trabalho, num pedaço de terra arrendado pelo proprietário. Este também dava casa aos escravos. A partir desse sistema, alguns escravos passaram à condição de colonos, possuindo sua própria terra. Desde a Antiguidade e principalmente depois da conquista árabe no norte da

África, a partir do séc. VII, os africanos vendiam escravos em grandes caravanas que cruzavam o deserto do Saara. Na época de Zumbi, a região do Congo e de Angola, de onde veio a maioria dos escravos de Palmares, tinha reis venerados como se fossem divinos. Muitos desses monarcas se alinhavam aos portugueses e enriqueciam-se com a venda de súditos destinados à escravidão. É certo assegurar que os escravos africanos no Brasil encontraram aqui, apesar das suas condições, melhores meios de sobrevivência, pois não corriam o risco de serem mortos por tribos rivais nem de morrerem de fome, como acontecia na África. As mulheres negras, no Brasil, apesar do sistema escravocrata e da discriminação que sofriam, passaram a constituir, com o esforço dos seus trabalhos e habilidade para negociar, uma classe social de mulheres ricas e ostentadoras de joias caras. A professora Bárbara Primo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, in Anais do II Encontro Internacional de História Colonial, após pesquisar testamentos e inventários do período colonial, acrescenta que “desempenhando as mais diversas funções, principalmente no comércio, as mulheres negras, forras ou cativas, invadiam o espaço urbano, preocupando as autoridades. Vindas de terras distantes encontraram no Novo Mundo formas de sobreviver e, mais do que isso, de enriquecer. Portanto, pesquisas afirmam que essas mulheres, depois dos homens brancos, constituíam o grupo mais rico desta sociedade, já que, depois daqueles, eram as que mais redigiam testamentos, ato reservado aos que tinham bens a deixar”. Lançando mão de suas heranças africanas, essas mulheres dominavam o comércio a varejo e, com a ajuda de suas escravas (isso mesmo, as negras também possuíam escravas), conseguiram acumular patrimônio significativo. Apesar das adversidades e dos vários preconceitos que sofriam, os testamentos e inventários mostra que essas mulheres superaram os entraves e, mesmo mantendo os estigmas, conseguiram enriquecer em uma sociedade extremamente hierárquica e elitista. “Andando ataviadas de joias, vestindo sedas e acompanhadas de seus séquitos de escravos, burlavam a ordem vigente”, complementa a historiadora. Não se pretende, neste texto, absolutamente, desmerecer a importância dos negros para a construção de nossa identidade cultural. Entretanto, a meu ver, não os considero mais relevantes que outros povos que para cá vieram. Os imigrantes italianos, alemães, portugueses e japoneses contribuíram e continuam contribuindo para com o enriquecimento econômico e cultural do Brasil, sem vitimismo nem discursos oportunistas e desleais. E suas contribuições para com o enriquecimento econômico e cultural do Brasil e da sociedade brasileira vão muito além de meros tambores e berimbaus.

Júlio Nasser

(Artigo opinião. A opinião do autor não necessariamente representa a opinião da Gazeta Valeparaibana)

16 - Dia do Gari

Esta data tem o objetivo de homenagear os profissionais responsáveis em manter as ruas, praças e praias limpas de todo o lixo gerado naturalmente ou por ação do ser humano.

No Brasil os garis não recebem o devido respeito e visibilidade que merecem, pois é graças ao seu trabalho que os cidadãos podem viver em uma cidade mais limpa e bonita. É muito importante cada indivíduo fazer a sua parte e não jogar lixo nas ruas.



25 de Maio

Adoção: amor puro

A adoção encontra-se prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente, permitindo criar laços jurídicos entre pais e filhos, quando, antes, eram estranhos uns aos outros. Esses laços equiparam, para os fins legais, o filho biológico e o filho adotivo. Então, sob os auspícios da lei, a adoção estabelece liame familiar definitivo entre adotantes e adotados.

Porém, parcela considerável da sociedade brasileira ainda não compreende o ato de adoção. Por isso, surgem questionamentos e conclusões errôneas tomadas por leigos e por operadores do Direito. Pior, ainda, quando os profissionais da psicologia e da assistência social demonstram deficiência nítida para tratar do instituto da adoção.

No mundo extralegal, a adoção deve significar um ato de amor. Puro amor. Adotar como familiar alguém que é estranho significa a abertura de coração para o acolhimento do semelhante com a intensidade dos laços de profundo afeto e carinho. Pais adotivos, no entanto, ouvem, várias vezes, cumprimentos pelo gesto de caridade, referente à adoção. Não se trata de caridade, no sentido estrito do termo, pois se cuida de um ato para a vida toda. Nunca foi uma contribuição temporária ou momentânea a uma instituição assistencial; abrigar em família um ser humano é muito mais que isso.

O segundo equívoco é representado pela insistência de promotores e juízes, cercados de psicólogos e assistentes sociais de curta visão, em manter na família biológica os filhos já rejeitados e abandonados. Há imenso abismo entre pobreza e indiferença; entre incapacidade econômica e abandono. Muitos profissionais das Varas de Infância e Juventude insistem por anos a fio na manutenção do laço biológico entre o filho, que já se encontra em abrigo, e o (s) pai (s) que o abandonou (aram) e continuam a manter comportamento estranho e dissociado do ânimo de ter uma família. São pais drogados, alcoólatras, autores de agressões domésticas, ociosos, criminosos, dentre outros fatores, cuja paternidade não lhes representa absolutamente nada de relevante. O filho foi concebido pelo simples prazer sexual momentâneo. De que adianta manter em abrigo uma criança por anos a fio para que o (s) pai (s) seja (m) reeducado (s)? Não se busca o melhor interesse da criança? Esta pessoa quer, como todas, amor e carinho, pouco interessando se tenha origem em parentesco biológico ou legal.

O terceiro engano de quem não compreende a adoção, porque lhe parece algo inusitado e esquisito, é questionar os pais adotivos acerca dos laços mantidos com determinada criança, porque, fisicamente, não se parecem. Perguntam, para saciar pura curiosidade, acerca da origem daqueles laços, algo que não se faz quando há semelhança física. Observa-se que a aparência é mais importante, para muitos, do que o âmago das pessoas humanas.

Outras indagações são também frequentes:

“quando terão seus próprios filhos?”; “você conhece os pais verdadeiros?”. Exclui-se a sensibilidade – e até boa educação – para saciar a curiosidade e reverenciar a própria ignorância. Afinal, quem adota já tem o (s) seu (s) próprio (s) filho (s). Os adotantes são os pais verdadeiros; em verdade, ilegítimos passam a ser os biológicos, que abandonaram seu (s) descendente (s). Se haverá uma gestação para o futuro da mãe adotiva é questão concernente à intimidade do casal, desinteressante a terceiros, salvo os que não fazem ideia do que significa uma adoção.

Situação comum é estabelecer a presunção de que a adoção é uma simples alternativa aos casais inférteis; daí por que se costuma dizer que a mãe adotiva, depois de encontrar seu filho pelos laços jurídicos, termina ficando grávida. Seria o mesmo que dizer que a adoção é um eficiente método para sanar defeitos ou falhas de concepção. Seria o mesmo que considerá-la um laço de segunda categoria ou mesmo um instrumento para chegar ao objetivo maior e mais importante: a paternidade/maternidade biológica. Tolice pura. Se alguns adotantes assim agem constituem a minoria esmagadora dos casos de adoção. Quem adota, em primeiro lugar, entregou seu coração ao amor puro e recebe aquele filho com uma alegria imensurável, sem nem mesmo pensar em filiação biológica.

Outros ficam contentes porque determinado casal branco conseguiu adotar uma criança branca e até fisicamente parecida com eles. Soa como um presente, como uma sorte grande. Se o casal branco adota uma criança negra, os que não compreendem o instituto da adoção chegam a questionar, quase impugando a atitude.

O que dizer dos familiares contrários à adoção? São os avós, os tios, os sobrinhos, os primos, dentre outros. Se os que adotam, seja um casal ou uma só pessoa, estiverem convictos do amor que sentem, a resposta é simples: tolerância e indiferença às críticas. Não nos parece compreensível deixar de adotar porque a família extensa é contrária ao ato. Porém, alguns profissionais de apoio nas Varas de Infância e Juventude levam a sério a oposição feita por outros, que não os candidatos a pais adotivos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, além de várias outras normas, prevê o célere trâmite processual (prioritário) de casos de adoção. No entanto, nem mesmo as Varas especializadas da Infância e Juventude cumprem a lei. Os processos se arrastam por anos a fio e os laudos e entrevistas são feitas com distância absurda de um para o outro. Ilustrando, casos em que os pais biológicos nem mesmo contestam a ação de perda do poder familiar levam anos para o julgamento final. Primeiro, os juízes querem verificar a perda do poder familiar, com trânsito em julgado (?), em nítida contrariedade à lei, que menciona não haver efeito suspensivo ao recurso interposto contra a sentença de destituição do referido poder familiar. Em segundo, os tribunais demoram a julgar o recurso do pai ou da mãe biológica destituída do poder familiar. Em terceiro, mesmo que finda a longa novela da destituição do poder familiar, inicia-se a via-crúcis da ação de adoção, com mais uma série de exames e exigências.

Os fatos têm demonstrado que o tempo é inimigo das crianças abrigadas; um dia a mais no abrigo significa um dia a menos de amor e cari-

nho. Mas esses elementos parecem não sensibilizar os operadores do Direito, que trabalham nessa área. Os processos envolvendo crianças ou jovens são tratados como outros quaisquer e tramitam em igualdade de condições diante de outros feitos cíveis ou criminais. Uma lástima da realidade brasileira.

Os questionários das Varas da Infância e Juventude não estimulam a adoção por amor, mas por escolha de sexo, cor, estado de saúde e outros tantos requisitos, terminando por significar um autêntico mercado de produtos, pois tudo é selecionável. Os candidatos à adoção podem almejar o bebê perfeito, que, segundo estatísticas, é a “menina branca com menos de um ano de idade e totalmente saudável”. Se possível, “com olhos e cabelos claros”. Este candidato permanece na fila, em primeiro lugar, quando chega a este posto, eternamente, se for o caso; vale dizer, até surgir aquela menina de ouro. O correto seria chegar ao primeiro lugar da fila e, se desprezar a criança que lhe for apresentada, ser deslocado para o final da fila, pois não está adotando, mas escolhendo um filho que possa satisfazer seu ego.

Quem não tem autêntica disposição de adotar, como regra, impõe vários obstáculos e exige muito da criança ou jovem abandonado. Por que tais candidatos mantêm a sua preferência para adotar? Simplesmente porque o corpo operacional da Vara da Infância e Juventude não altera seus conceitos primários e antiquados, lastreados na permissão de eleição de um filho. A desculpa é sempre a mesma: para dar certo. Noutros termos, se o candidato à adoção quiser o protótipo do filho adotivo (menina clara e bebê saudável) pode ficar em primeiro lugar da fila do cadastro quantos anos forem necessários.

Há muito erro no contexto da adoção, motivo pelo qual há várias crianças e jovens disponíveis em número menor do que o de candidatos à adoção, algo surpreendente e questionável. Se o número de candidatos é maior do que o de crianças e adolescentes aptos à adoção, a conclusão natural seria o esgotamento integral dos infantes e jovens adotáveis. Mas não é. A permissão à seletividade do ser humano é chancelada pelas Varas da Infância e Juventude, sem encontrar respaldo legal para isso.

Finalmente, o número de crianças e jovens abrigados, distantes da família biológica, mas também distantes de pais adotivos, é imenso. Onde está o ponto errático? Em nosso entendimento, concentra-se em duas bases: a) insistência desmedida e antiproducente de manter os laços biológicos com a família original; b) trâmite arrastado dos processos da infância e juventude, pouco importando o que preceitua a lei.

Como resolver? É preciso uma fiscalização rigorosa das Corregedorias de Justiça e do Conselho Nacional de Justiça, além de haver, em lei, uma responsabilidade pessoal do promotor e do juiz que permitam o prolongamento do andamento dos feitos sem justa causa, evidenciada, comprovada e fundamentada nos autos.

Além de tudo, mudar a mentalidade da sociedade brasileira a respeito da adoção ajudará – e muito – na solução de casos tristes relativos ao abandono sentimental de muitos infantes e jovens.

Guilherme de Souza Nucci

Frases Soltas

Çami Tiba sobre a educação das crianças

1. É preciso ter o “pulso forte”

“Cria uma criança é fácil, basta satisfazer-lhe as vontades. Educar é trabalho.”

Transmitir responsabilidade e respeito não é uma tarefa fácil, como muitos imaginam. E esses são justamente alguns dos ingredientes básicos para a correta educação dos “adultos de amanhã”. Portanto, esteja disposto e preparado para este trabalho, ok?

2. Menos culpa e mais responsabilidade

“O principal “veneno” da educação dos filhos é a culpa. Culpa de trabalhar fora, quando pensa que devia estar com os filhos. Culpa de estar com os filhos, quando acha que devia estar trabalhando.”.

A organização é aliada de todo o processo educacional. Saiba organizar o seu tempo para conseguir “estar por completo”, seja no que diz respeito as responsabilidades profissionais, como para com a sua família.

3. Crie seu filho para voar

“Os filhos são como os navios... a maior segurança para os navios pode estar no porto, mas eles foram construídos para singrar os mares.”

Eu sei que é difícil para muitos pais imaginar os seus filhos “sozinhos” neste caótico e solitário planeta, mas a educação deve ser justamente direcionada para formar indivíduos que saibam viver neste mundo.

Assim como diz a máxima popular, devemos educar os nossos filhos para o mundo e não para nós mesmos. Chegará um momento em que o indivíduo precisará usar todo o conhecimento e experiência que adquiriu ao lado da família e escola e, simplesmente, cair de cabeça no mundo e lutar por seus sonhos.

4. Dando exemplos

“Você quer educar? Seja educado. E ser educado não é falar ‘licença’ e ‘obrigado’. Ser educado é ser ético, progressivo, competente e feliz.”

Reflita sobre o seu comportamento e atitude. Será que estou dando bons exemplos?

5. Educando em prol de um futuro melhor

“Nenhum projeto é viável se não começa a construir-se desde já: o futuro será o que começamos a fazer dele no presente.”

Educar é a base para a formação de indivíduos melhores e, conseqüentemente, de uma sociedade mais harmoniosa e com respeito ao próximo.

6. Todos temos responsabilidades!

“O erro mais frequente na educação do filho é colocá-lo no topo da casa. O filho não pode ser a razão de viver de um casal. O filho é um dos elementos. O casal tem que deixá-lo, no máximo, no mesmo nível que eles. A sociedade pagará o preço quando alguém é educado achando-se o centro do universo.”

Esta é uma importante lição para o desenvolvimento da responsabilidade do indivíduo!



Biodiversidade

Biodiversidade é um termo usado pela primeira vez na década de 1980 como sinônimo da expressão da diversidade biológica. Falar em biodiversidade é falar da riqueza de espécies de uma região bem como das variações ocorrentes nessas espécies. Todas as áreas do planeta apresentam biodiversidade, entretanto, em algumas regiões, ela é maior, porém isso não significa que sua importância seja diminuída quando em menor quantidade. Cada espécie tem seu papel na natureza e é fundamental para o equilíbrio do ecossistema.

tância seja diminuída quando em menor quantidade. Cada espécie tem seu papel na natureza e é fundamental para o equilíbrio do ecossistema.

Conceito de biodiversidade

A expressão “diversidade biológica” é utilizada desde a década de 1980 e, inicialmente, fazia referência apenas ao número de espécies que viviam uma determinada região, ou seja, à quantidade de animais, plantas e micro-organismos de uma área. Seu significado tornou-se, com o tempo, mais complexo, incluindo-se também outros aspectos de diversidade, como a diversidade genética entre os organismos. Em 1986, o entomologista E. O. Wilson utilizou o termo biodiversidade em substituição à referida expressão.

As florestas tropicais apresentam grande biodiversidade.

A “Convenção sobre diversidade biológica”, criada na ECO-92, trata a respeito do tema biodiversidade. Nesse importante documento, a diversidade biológica é definida da seguinte forma:

“Diversidade biológica significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, entre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas.”

O Ministério do Meio Ambiente ainda frisa que “biodiversidade abrange toda a variedade de espécies de flora, fauna e micro-organismos; as funções ecológicas desempenhadas por estes organismos nos ecossistemas; e as comunidades, habitats e ecossistemas formados por eles”.

A riqueza da biodiversidade

Muitas espécies de seres vivos são encontradas em diferentes áreas do planeta, outras espécies, no entanto, são encontradas em apenas uma região. Algumas áreas são ricas em biodiversidade, enquanto outras apresentam uma pequena variedade de espécies. Fato é que a biodiversidade do planeta é imensa e pode ser observada em todos os ambientes, desde as profundezas dos oceanos até as mais altas montanhas.

De acordo com Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, o Brasil é o país que detém a maior biodiversidade de flora e fauna do planeta. Ainda de acordo com o instituto, são mais de 103.870 espécies animais e 43.020 espécies vegetais conhecidas pela ciência, e essa variedade de seres vivos e ecossistemas deve-se a fatores como clima e extensão territorial do nosso país. No Brasil, as regiões da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica destacam-se nesse sentido.

Outras regiões do planeta não apresentam uma biodiversidade tão rica quanto a nossa, sendo esse o caso dos desertos. Uma das razões para que elas apresentem pouca biodiversidade é a baixa quantidade de chuvas. Além dos desertos, outra região que apresenta uma baixa biodiversidade é o bioma Tundra, estando esse resultado relacionado, entre outros fatores, com a baixa temperatura.

Importância e necessidade de preservação da biodiversidade

A biodiversidade é importante em diversos aspectos. De acordo com a “Convenção sobre diversidade biológica”, a biodiversidade apresenta valores ecológico, genético, social, econômico, científico, educacional, cultural, recreativo e estético.

O desmatamento é responsável pela destruição do habitat de várias espécies.

No que diz respeito à importância ecológica, os motivos são claros: cada espécie do planeta apresenta uma papel no ecossistema. As plantas, por exemplo, são a base de toda a cadeia alimentar, além de servirem de moradia para algumas espécies e fornecerem oxigênio no processo de fotossíntese. Quando uma espécie entra em extinção, todo o ecossistema local é impactado.

A biodiversidade apresenta também importância econômica. Como sabemos, os seres vivos são importante matéria-prima na fabricação de alimentos, medicamentos, cosméticos, vestimentas e até habitação. Preservar é garantir, portanto, que esses recursos não falem no futuro e que o meio ambiente permaneça em equilíbrio.

Apesar de saber da importância da biodiversidade, o ser humano ainda é responsável pela sua destruição. A poluição, o desmatamento e a exploração exagerada são algumas ações responsáveis pela redução da biodiversidade do planeta.

Dia Internacional da Biodiversidade

O Dia Internacional da Biodiversidade é comemorado, todos os anos, no 22 de maio. Essa data, criada pela Organização das Nações Unidas, é um momento de reflexão e conscientização a respeito da necessidade de cuidarmos da diversidade de vida na Terra. Todos os anos, um tema diferente é escolhido e ações diversas são realizadas em torno dele.

Vanessa Sardinha dos Santos

Ditados Populares

Sabemos que existem muitos ditados populares no Brasil. Mas sempre tem aquele que aprendemos e falamos de tanto ouvir alguém mais velho falar, não é?

Decidimos separar seis dos mais conhecidas.

1. Tem caroço nesse angu

Quem conhece esse ditado imagina que todo brasileiro sabe o que é angu, mas nem sempre é assim.

Angu é um prato típico da culinária brasileira, que pode ser feito com milho, farinha de mandioca ou farinha de arroz, além de água, sal e tempero. Essa mistura forma um tipo de 'papa'.

E é justamente a essa analogia que se refere o ditado. Quando a gente desconfia que tem algo que não deveria estar em determinado lugar dizemos que "tem caroço nesse angu".

2. Onde há fumaça, há fogo

Esse é um ditado clássico, que passa de geração em geração.

Ele é falado, principalmente, para explanar uma sequência de situações, onde uma coisa leva a outra.

Hoje em dia, nem sempre "onde há fumaça, há fogo". Entretanto, na maioria das vezes essa é uma afirmação correta.

3. Nem tudo que reluz é ouro

Quantas vezes a gente se depara com algo ou alguém que achamos que é de um jeito e, quando realmente conhecemos, não é nada daquilo?

Então, imagina achar algo brilhante e achar que achou ouro e está rico? Se fosse sempre assim seria bom demais hein!? Mas cuidado, afinal "nem tudo que reluz é ouro".

4. Apressado come cru e quente

Quem nunca ouviu essa frase da vó ou de pessoas próximas em alguma fase da vida? A gente sabe que depois de ser cozida, frita ou assada, uma comida sai da panela bem quente. E a experiência de provar no momento errado não é nada legal.

Então, esse ditado é para ensinar de uma maneira carinhosa (ou nem tanto) que cada coisa tem seu tempo. Querer adiantar as coisas pode não ser uma boa ideia e, aliás, pode até te prejudicar. Quando alguém diz isso, é melhor escutar!

5. Para bom entender, meia palavra basta

E se, depois de todos os ditados anteriores, você ainda não estiver esperto, acho que esse não faz surtir muito efeito hein!?

De qualquer forma, essa expressão serve para representar que a gente não precisa ouvir o que não quer ou esperar as coisas piorarem para se ligar.

6. Para Inglês Vêr

A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto, todos sabiam que essas leis não seriam cumpridas. Assim, elas teriam sido criadas apenas "para inglês ver". Foi assim que surgiu a expressão.

Mês que vem tem mais. OK?



Coragem e Violência

O Comportamento Assertivo e o Não Assertivo

Se você passa pela vida cheio de inibições, cedendo à vontade alheia, guardando seus desejos dentro de si, ou, ao contrário, destruindo os outros a fim de atingir seus próprios objetivos seu sentimento de autovalor estará baixo. Nosso sistema de vida ocidental muitas vezes cultiva maneiras conflitivas de comportamento em várias áreas de relacionamento interpessoal, havendo uma nítida contradição entre comportamentos "recomendados" e comportamentos "reforçados". As instituições da sociedade têm ensinado com tanto empenho a inibir a expressão dos direitos razoáveis de uma pessoa que esta pode se sentir culpada por haver se afirmado.

Cada pessoa tem o direito de ser e de expressar a si mesma, e sentir-se bem (sem culpas) por fazer isso, desde que não fira seus semelhantes no processo. O comportamento que torna a pessoa capaz de agir em seus próprios interesses, a se afirmar sem ansiedade indevida, a expressar sentimentos sinceros sem constrangimento, ou a exercitar seus próprios direitos sem negar os alheios, é denominado de comportamento assertivo.

A pessoa não-assertiva tende a pensar na resposta apropriada depois que a oportunidade passou. A pessoa agressiva pode responder muito vigorosamente, causando uma forte impressão negativa e mais tarde arrepende-se disso. É nosso propósito neste texto, orientá-lo para que obtenha um repertório de comportamento assertivo mais adequado para que escolha respostas apropriadas e satisfatórias em várias situações.

Pesquisas demonstraram que o aprendizado de respostas assertivas inibirá ou enfraquecerá a ansiedade previamente experimentada em relações interpessoais específicas. Quando a pessoa se torna capaz de afirmar-se e fazer coisas por iniciativa própria, ela reduz apreciavelmente sua ansiedade ou tensão anteriores em situações críticas e aumenta seu senso de valor como pessoa. Este mesmo senso de valor está geralmente ausente na pessoa agressiva, cuja agressividade pode mascarar sentimentos de culpa e de insegurança. Desta forma, podemos caracterizar três tipos de comportamento interpessoal:

Comportamento Não-Assertivo (O Emissor): Nega a si próprio, fica inibido, fica magoado e

ansioso, permite que outros escolham, não atinge seus objetivos.

Comportamento Não-Assertivo (O Receptor): Sente culpa ou raiva, sente-se ferido, humilhado e na defensiva, não atinge os objetivos desejados.

Comportamento Agressivo (O Emissor): Valoriza-se às custas dos outros, expressa-se depreciando os outros, escolhe para os outros, pode atingir os objetivos ferindo ou outros.

Comportamento Agressivo (O Receptor): Repudia-se, deprecia o emissor, atinge os objetivos às custas do emissor.

Comportamento Assertivo (O Emissor): Valoriza-se, expressa-se, sente-se bem consigo mesmo (*), escolhe por si com seus próprios critérios, atinge os objetivos desejados.

Comportamento Assertivo (O Receptor): Valoriza-se, expressa-se, pode atingir os objetivos desejados.

O comportamento agressivo resulta comumente num "rebaixar" o receptor. Seus direitos foram negados e ele se sente ferido, humilhado e na defensiva. Embora a pessoa agressiva possa atingir seus objetivos, ela pode também gerar ódio e frustração que poderá receber mais tarde como vingança.

Por outro lado, um comportamento assertivo apropriado na mesma situação aumentaria a auto-apreciação do emissor e uma expressão honesta de seus sentimentos. Geralmente ele atingirá seus objetivos, tendo escolhido por si mesmo como agir. Um sentimento positivo a respeito de si mesmo acompanha uma resposta assertiva.

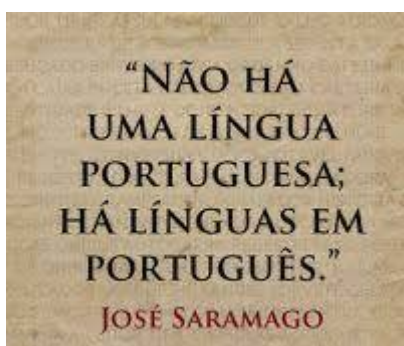
Do mesmo modo, quando as consequências destes três comportamentos contrastantes são vistas da perspectiva de uma pessoa "sobre a qual" eles são emitidos (ou seja, o indivíduo ao qual o comportamento é dirigido), surge um padrão paralelo. O comportamento não-assertivo produz frequentemente sentimentos que vão de simpatia a um franco desprezo pelo emissor. Também a pessoa que recebe a ação (receptor) pode sentir culpa ou raiva ao atingir seus próprios objetivos às custas do emissor. Pelo contrário, uma transação envolvendo asserção aumenta os sentimentos de autovalorização e permite expressão total de si mesmo. Além disso, enquanto o emissor atinge seus objetivos, os objetivos do indivíduo ao qual o comportamento é dirigido também podem ser atingidos.

Em suma, é claro então que no comportamento não-assertivo o emissor se prejudica pela própria autodesvalorização; e no comportamento agressivo o receptor é prejudicado. No caso da asserção, nenhuma pessoa é prejudicada e, a menos que os objetivos desejados sejam totalmente conflitantes, ambos podem sair-se bem.

Fonte: Alberti & Emmons

Edição: Filipe de Sousa

Gazeta Valeparaibana



21 de Maio

Dia da Língua Nacional

Dia 21 de Maio, comemora-se o Dia da Língua Nacional. Mais de nove países e 260 milhões de pessoas possuem a língua portuguesa como oficial, incluindo nós, brasileiros. Trata-se do quinto idioma mais usado no mundo, o terceiro no ocidente e o primeiro no Hemisfério Sul.

Língua e nações

Linguisticamente falando, a língua é um sistema de representação formado por palavras e regras que, juntas, constituem frases. Seja através da fala ou da escrita, ela é o principal meio de expressão e comunicação utilizado por um grupo específico de pessoas.

Dessa forma, pode-se dizer que a construção da identidade de uma nação está diretamente ligada a língua falada pela mesma. Esta relação é tão profunda que pode influenciar até o comportamento e hábitos de uma nação. A língua, por sua vez, é uma das principais manifestações culturais de um povo e traduz, de maneira única, o modo como as pessoas se mostram perante ao mundo. Um bom exemplo disso é a palavra "saudade". Por mais que tentemos traduzir, não há nenhuma palavra em nenhum outro idioma que represente o sentimento que estas letras combinadas carregam.

A história da língua portuguesa no Brasil

A língua portuguesa originou-se do latim, idioma disseminado na Europa inteira pelo

Império Romano em meados do século III a.C., mas foi decretada como idioma oficial do reino de Portugal em 1290, pelo rei D. Dinis I. Quando chegou ao Brasil, através da colonização portuguesa em 1532, o idioma passou por diversas mudanças originadas de outras línguas como o tupi-guarani.

Além da influência dos nativos indígenas, a língua portuguesa brasileira é um reflexo da interação entre diferentes culturas e momentos históricos, como os povos africanos que foram trazidos para o país durante o período da escravidão e os imigrantes, que por aqui passaram.

Toda essa mistura faz com que a língua portuguesa, apesar de estar presente em diversos países, tenha particularidades e regras específicas em cada nação. Um exemplo disso é que, nem sempre os portugueses entendem o que os brasileiros querem dizer, e vice-versa.

Certas particularidades podem ser observadas até mesmo dentro do nosso país. Se viajarmos pelo imenso território brasileiro, poderemos ouvir diferentes sotaques e palavras que não conhecemos, caracterizando os dialetos de cada região. Entretanto, a língua nacional utilizada é a mesma.

Acordo ortográfico

O primeiro Acordo Ortográfico visando a padronização e unificação da língua portuguesa nos diferentes países em que é falado foi assinado em 1911, em Portugal, porém, a medida não foi extensiva ao Brasil na época.

Em 2008, foi implementada então uma nova reforma que alterou algumas regras da língua portuguesa, com intuito de simplificar e unir a língua escrita e falada, além de facilitar a integração comercial. As novas regras gramaticais estão em vigência no Brasil desde 2016.

postos étnico-raciais, em que a resposta foi no sentido de aplicação do hífen, diferente da publicação do MEC.

Da mesma forma, através de contatos com professores de língua portuguesa, através da Profa. Rose da Secretaria de Educação, e orientanda da Profa. Bortoni, também se manifestaram pela utilização do hífen no termo.

Ainda buscamos um perito judicial sobre a língua portuguesa, Prof. José Willemann, que corroborou nosso entendimento,

Submetemos os resultados das palavras ao grupo após a análise pela Academia Brasileira de Letras e do perito judicial Prof. José

A importância da leitura para manutenção do idioma

A data, comemorada todo dia 21 de maio, tem como objetivo homenagear a principal ferramenta de comunicação e de expressão das nações, cada qual com a sua língua, e também busca reforçar a importância do estudo e da atualização do idioma nativo a fim de manter a cultura do país viva. Mais do que ler e escrever, um dos principais motivos da necessidade de estudar é interpretação e compreensão de textos.

Um levantamento feito pelo Melhor Escola, plataforma especializada em educação básica, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que aproximadamente 15 milhões de brasileiros não possuem grau algum de instrução escolar. Este número corresponde a quase 10% da população do país.

Na última edição do PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudante - avaliação realizada pela OCDE para medir o conhecimento de estudantes de 15 anos e 16 anos de 80 países nas áreas de leitura, matemática e ciência, o Brasil também teve desempenho insatisfatório.

Aproximadamente 50% dos alunos atingiram pelo menos o nível 2 de proficiência em leitura, na média da OCDE essa taxa foi de 77%. Neste nível, considerado o básico segundo o relatório, os estudantes devem, no mínimo, ser capazes de identificar a ideia central de um texto médio, encontrar informações explícitas e refletir sobre a finalidade e a forma dos textos quando explicitamente instruídos a fazê-lo.

Luiza Padovam Vieira

Willemann, que ainda nos contemplou com um estudo sobre o novo acordo ortográfico.

- Afro-brasileiro: com hífen.
- Antirracista: sem hífen
- Antirracista: sem o hífen.
- Antirreligioso: sem o hífen
- Afrodescendente: sem o hífen, funciona adjetivamente.
- Étnico-racial: com hífen, composto
- Inter-racial: mantém o hífen.
- Intrarracial: sem o hífen.
- Multirracial: sem o hífen
- Plurirracial: sem o hífen.

Saiba mais em:

<https://www.academia.org.br/sites/default/files/conteudo/>

NOTA SOBRE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Com a entrada em vigor do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, houve alterações em relações à grafia, especialmente, no emprego do hífen.

Pelas publicações sobre a temática das relações étnico-raciais, como por exemplo o Plano Nacional (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004818.pdf>) foi elaborado com diversas formas de grafia.

Para sanar possíveis dúvidas, solicitamos junto à ABL – Academia Brasileira de Letras um posicionamento sobre o adjetivo com-